

ALESSANDRA AMARAL DA SILVEIRA

**AS PRODUÇÕES DISCURSIVAS DE JOVENS SOBRE AS PRÁTICAS DO *BODY
MODIFICATION***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Méri Rosane Santos da Silva

RIO GRANDE
2010

O sujeito da experiência tem algo desse ser (pirata) fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele a sua oportunidade, sua ocasião.
(Jorge Larrosa)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a minha incansável orientadora Prof^ª Dr^a Méri Rosane, que ao longo destes quase seis anos esteve sendo uma pessoa compreensível, um modelo de profissional, dedicada e acima de tudo amiga. Agradeço pelas orientações, pelas sugestões, pelas discussões e por todo o auxílio nesse caminho acadêmico. Obrigada por acreditar em mim e incentivar meu trabalho.

Não poderia deixar de agradecer ao grupo de pesquisa, que foi fundamental na formulação, discussão de vários conceitos, que compuseram esta dissertação. Pela paciência em ler meus artigos, sugerindo, problematizando, questionando e provocando algumas de minhas “verdades” mais certas, me fazendo usar outros “óculos”, e assim colocando em suspeitas todas elas. Obrigada aos colegas Felipe, Ico, Rose, Carol, Josi, Joice, Gustavo, Francine. Agradeço muito a vocês que com certeza foram fundamentais nesse processo “dissertativo”.

A Josi colega de grupo e de pesquisa, e por fim “co-orientadora” ajudando significativamente na construção dessa escrita, obrigada pelas leituras dos artigos, pelas sugestões e incentivos, e também pela ajuda na realização do Grupo Focal.

Aos jovens que aceitaram participar do Grupo focal, pois abriram mão das aulas de educação física para comporem o grupo de discussão. Agradeço mais uma vez, mas agora ao Prof^º Iço, por liberar seus alunos para fazerem parte do processo metodológico dessa pesquisa.

Ao Júnior (Juneka), meu companheiro, pela compreensão, solidariedade e principalmente pela paciência, por compreender minhas irritações e reclamações, obrigada por estar sempre ao meu lado.

Por fim, e tão importantes quantos todos os anteriores. Agradeço aos meus pais (Laura e Raul), por me incentivarem a estudar, enfatizando a importância do estudo para mim e meu irmão. Acredito que muitas vezes, não entendiam muito bem o que eu fazia e o porquê de tantas leituras e dos momentos de isolamento, mas confiaram e apoiaram todas

as minhas escolhas, mesmo não há compreendendo-as. Agradeço a toda a minha família (tio, tias e primos/as).

Esse foi um trabalho constituído por várias “mãos”, então agradeço a todos que de maneira direta ou indiretamente me ajudaram na elaboração dessa dissertação e de minha formação enquanto acadêmica.

ALESSANDRA AMARAL DA SILVEIRA

**AS PRODUÇÕES DISCURSIVAS DE JOVENS SOBRE AS PRÁTICAS DO *BODY*
*MODIFICATION***

BANCA

Prof^ª Dr^ª Méri Rosane Santos da Silva (Orientadora) FURG

Prof^ª Dr^ª Paula Ribeiro FURG

Prof^ª Dr^ª Carla Rodrigues UFPEL

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo analisar o que os sujeitos jovens dizem sobre as práticas relacionadas ao *body modification*, que se refere à realização de modificações corporais voluntárias e que têm como característica a irreversibilidade. As técnicas mais conhecidas e populares são: tatuagens, piercings, escarificações e dilatadores de orelha; há também as menos aceitas socialmente e consideradas radicais, sendo elas: a bifurcação de língua, o branding, o implante subcutâneo, o pocketing e a suspensão. Para executar a investigação optamos pelo Grupo Focal, esse que foi feito no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Sendo organizado em dois momentos: primeiro, com os alunos sem modificação corporal, em que participaram desse encontro 13 estudantes; o segundo foi realizado com os alunos que possuíam algumas das modificações corporais citadas acima e nesse encontro participaram 4 alunos. Essa dissertação é composta por dois artigos que surgiram, a partir das discussões que se sobressaíram durante a realização dos grupos. No primeiro artigo, problematizamos a constituição das juventudes, relacionando-as com as práticas do *body modification*, por acreditarmos que os discursos vinculados a necessidade de se modificar vem sendo direcionado aos jovens. No segundo artigo buscamos discutir como as intervenções corporais vêm produzindo as identidades desses sujeitos jovens. Decorrente dessas análises algumas questões se destacaram, sendo elas: a vinculação da juventude à imaturidade; a preocupação em atribuir significado/motivo ao fato de se fazer uma modificação corporal; a produção das identidades tendo como foco o futuro profissional; o jogo de poder entre os jovens e os pais para fazerem as modificações; o receio de se arrependerem ao realizarem modificação corporal; e, por fim, constatamos que a temática presente em ambos os grupos foi sobre a preocupação com a empregabilidade.

Palavras-chave: corpo, body modification, juventude e identidade

ABSTRACT

This thesis aims to analyze what the young people say about practices related to body modification, which refers to the making of voluntary body modifications and have the characteristic of irreversibility. The most popular techniques are popular: tattoos, piercing of the tongue, branding, subcutaneous implantation, and pocketing the suspension. To perform the research we chose the Focus Group, which was done at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Sul (IFRS) which is situated in the city of Rio Grande. Being organized in two phases: first, with students without body modification, in which 13 students participated in this meeting, the second was conducted with students who had some of the bodily changes mentioned above and four students participated in this meeting. This dissertation consists of two articles that appeared from the discussions that stood out during the performance of groups. In the first article, we discuss the formation of youth, linking them to the practices of body modification, we believe that the speeches the need to modify has been directed at young people. In the second article we try to discuss how the body interventions have produced the identities of these young subjects. From these tests some issues stood out, namely: the binding of the immaturity of youth, the preoccupation of assigning meaning / reason of the fact of getting a body modification, the production of identities focusing on the professional future: the power game between young people and parents to make changes, lest they repent while performing body modification, and, finally, we find that the themes present in both groups was about the concern with employability.

Keywords: body, body modification, youth and identity

LISTA DE SIGLAS

FURG - Universidade Federal do Rio Grande

GEPEC – Grupo de estudo e pesquisa sobre a corporeidade

GESE - Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola

IFRS - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

RS - Rio Grande do Sul

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

LISTA DE FIGURAS

FIGURAS 1: Tatuagens	22
FIGURAS 2: Escarificação	22
FIGURAS 3: Piercings	22
FIGURAS 4: Dilatador de orelha	23
FIGURAS 5: Branding	23
FIGURAS 6: Pocketing	23
FIGURAS 7: Implante subcutâneo	23
FIGURAS 8: Bifurcação de língua	24
FIGURAS 9: Suspensão	24
FIGURAS 10: Máquina de fazer tatuagem	100

SUMÁRIOS

1- Apresentação	12
1.1- Formato da dissertação	14
2 – Introdução: trajetórias, aproximações com o tema, objetivo e os principais conceitos.....	15
2.1 – Objetivos	19
2.1.1 – Objetivo Geral	19
2.1.2 – Objetivos específicos	19
2.2 – Modificações Corporais	20
2.3 - Juventudes	25
2.4 – Identidades	27
3 – Caminhos Metodológicos	30
3.1- Apresentando e Conceituando o Grupo Focal.....	30
3.2- Descrição da realização do Grupo Focal.....	34
3.3- IFRS	37
4 - Artigos	40
4.1 - <i>“A gente sempre tem uma convicção muito maior do que vai fazer aos 20 do que com 15 anos”</i> : a juventude como “imaturidade”.....	41
I) Começando a discussão	42
II) Caminhos da pesquisa	45
III) <i>“Ter 18 anos para poder fazer uma modificação corporal, não quer dizer nada, o que importa é a cabeça”</i>	46
IV) <i>“Isso é uma mutilação ao corpo”</i>	56
V) Finalizando... ..	58
VI) Referências	60
4.2 - <i>Discutindo as Práticas do Body Modification e as Produções das Identidades</i>	62
I) Começando a discussão	63
II) Caminhos investigativos	66
III) <i>“Acho que a pessoa não se sente bem com seu corpo, sei lá”</i>	68

IV) “Ninguém vai procurar emprego de bermuda”	75
V) Finalizando... ..	82
VI) Referências	85
5 – Finalizando, mas não concluindo... ..	87
6 – Referências	92
7 – Anexos	96
7.1- Roteiro do Grupo focal	97
7.2 - Apresentação no Grupo focal	98
7.3 - Imagens máquina de tatuagem	100
7.4 - Termo de consentimento	101

1. APRESENTAÇÃO

Essa dissertação tem como objetivo problematizar o que os jovens com e sem modificações corporais dizem sobre as práticas do *body modification*. Para atender a este objetivo, organizei os sujeitos participantes da pesquisa em dois Grupos Focais distintos, abordando da mesma forma a temática com ambos os grupos. Busquei suporte em autores como Foucault, Le Breton, Hall, entre outros situados no viés pós-estruturalista, que apontam que os sujeitos se constituem a partir da aceitação ou não de determinados discursos. Nesse caso, foquei-me na opção por aderir ou não ao uso das práticas relacionadas ao *body modification*.

Com o intuito de orientar o leitor a respeito dos caminhos que encontrará no decorrer desta dissertação, organizei uma breve apresentação, na qual tenho a intenção de delinear o percurso dessa escrita. Sendo assim, a partir de agora serão apresentados os tópicos que comporão essa dissertação.

Na Introdução apontarei os caminhos que segui para chegar à temática escolhida para ser abordada nesta dissertação, enfocando quando e como me deparei com a discussão relacionada às práticas do *body modification*, ou seja, nesse momento, busco narrar as vivências que me levaram a esse assunto. Em seguida, busco problematizar os principais conceitos que fizeram parte dos dois artigos que compõem esta dissertação, dialogando com autores que embasaram teoricamente essa escrita.

No primeiro capítulo caracterizo a metodologia escolhida para a realização dessa pesquisa. Nesse momento, descrevo como foi a realização e a organização dos Grupos Focais, caracterizando os sujeitos que fizeram parte dos encontros, apresentando ainda o contato com os participantes, como eles foram selecionados e também aponto as dificuldades encontradas na execução dessa metodologia.

O segundo capítulo é composto pelo primeiro dos dois artigos que fazem parte dessa dissertação. Esses foram escritos, a partir da realização dos Grupos Focais, pois através deles inúmeras questões surgiram, mas para dar conta da análise dos dados enfatizei algumas temáticas que se destacaram durante as discussões. Após isso, realizei a escrita dos

artigos, problematizando e dialogando com alguns autores sobre os temas que, a meu ver, se sobressaíram na discussão dos sujeitos no grupo.

O primeiro artigo foi denominado “*A gente sempre tem uma convicção muito maior do que vai fazer aos 20 do que com 15 anos*”: a juventude como “imaturidade”. Esse trabalho foi elaborado a partir do primeiro encontro do Grupo Focal, sendo realizado com os sujeitos que não aderiram às práticas do *body modification*, intitulados como “os não modificados”. Tendo como intenção problematizar com esses participantes da pesquisa o que eles pensavam sobre as modificações corporais, busquei articular os discursos que surgiram com a concepção de juventude, pois a intervenção foi realizada com sujeitos denominados socialmente como jovens.

Já no segundo artigo, denominado - *Discutindo as práticas do body modification e as produções das identidades* -, foi realizado com os sujeitos que aderiram as modificações corporais abordadas nessa pesquisa. Esse encontro tinha como objetivo problematizar o que eles pensam sobre as práticas do *body modification* e, através dos discursos produzidos durante o Grupo Focal, busquei discutir a construção das identidades, a partir da corporeidade, ou seja, as pessoas se constituem de diferentes maneiras e uma delas pode estar atrelada a sua identidades corporal.

Por fim, apresento algumas considerações que considerava pertinente para o encaminhamento final dessa pesquisa, tendo como objetivo problematizar as temáticas que permearam as discussões dos artigos. E ainda deixando em aberto algumas questões que não puderam ser enfocadas nessa dissertação.

1.1. FORMATO DA DISSERTAÇÃO

A organização desta dissertação partiu da elaboração de dois artigos que abordam as práticas do *body modification*, com jovens alunos que possuem ou não modificações corporais. Optamos por esse formato, pois acreditamos proporcionar maior acessibilidade na publicação em eventos ou revistas. A possibilidade de poder produzir a dissertação com esse formato contribui para que possamos levar as análises para um número maior de leitores que estejam interessados em problematizar o assunto aqui proposto. A partir desta opção de trabalhar com artigos autônomos entre si, algumas situações emergem: a primeira, é que algumas questões se sobreporão ou precisarão ser repetidos, ou seja, pelo fato de os artigos possuírem a característica de serem independentes, necessitou rever conceitos ou termos em ambos os momentos, bem como as questões metodológicas que também acabaram sendo reiteradas.

2. INTRODUÇÃO: trajetórias, aproximações com o tema e os principais conceitos

É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (LARROSA, 2002, p. 26).

Buscando inspiração nas belas palavras de Larrosa começo a falar do que foi realizar esse trabalho, que através da leitura de seu texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, deu-me a certeza de afirmar que realizá-lo foi um “acontecimento”. Esse dois anos de dedicação ao mestrado foram bastante dolorosos, mas também prazerosos, pois é um período marcado por escolhas, recusas, aceitações e negações. Isso tudo gerou e produziu efeitos que me transformaram enquanto sujeito acadêmica e pesquisadora.

O interesse na pesquisa se fortaleceu durante a graduação¹, ainda no segundo ano, quando em 2005 comecei a fazer parte do grupo de pesquisa até então denominado GEPEC (Grupo de Estudo e Pesquisa da Corporeidade), hoje, GESE (Grupo De Pesquisa Sexualidade e Escola) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Fazendo parte da linha de pesquisa Estudos da Corporeidade, em que tínhamos o interesse em discutir assuntos vinculados às construções dos sujeitos, a partir da complexidade dos processos corporais (VARELA, et al, 1996).

Já no início das minhas atividades no Grupo, nos deparamos² com algumas imagens, na Revista Superinteressante³, dos praticantes do *body modification*. Desde esse momento, começamos a pesquisar em sítios virtuais e através de pesquisas bibliográficas o que seriam esses sujeitos e as práticas que eles realizavam. Fomos nos deparando com pessoas que criavam e inventavam seus corpos com o intuito de romper com padrão

¹ Sou formada em Pedagogia Anos Iniciais, pela Universidade Federal do Rio Grande.

² Estou escrevendo na primeira pessoa do plural, pois essa pesquisa foi realizada junto com uma colega e sob a orientação da professora responsável do grupo.

³ URBIM, G. & GRASSETTI, B. Navalhas na Carne. In: *Revista Superinteressante*. São Paulo: abr -mai., p. 68-71, 2005.

corporal desejado pela sociedade, pelo menos esse era um dos argumentos principais, encontrados pelas entrevistas com os sujeitos modificados.

Inspiradas nesse “novo” jeito de construir a corporeidade, com a orientação da professora responsável pelo grupo, resolvemos elaborar um projeto de pesquisa que foi intitulado “*Body Modification: (re)significando os corpos*”, tendo como objetivo analisar as remodelagens corporais, identificando-as como manifestações espetaculares de uma cultura da aparência e do corpo. Após esse momento de aproximação e de apropriação da temática, começamos a apresentar nossas discussões em evento, seminários, congressos etc⁴.

Para nossa surpresa, em vários momentos de nossas apresentações e debates apresentados publicamente, alguns professores atuantes em escolas nos relatavam que as práticas iniciais do *body modification* (tatuagem, piercings, dilatadores e escarificação) estavam crescendo entre os alunos.

A partir disso, nosso projeto inicial teve ramificações, eu fui pesquisar as práticas do *body modification* voltados para os jovens em processo de escolarização e minha colega e companheira de pesquisa passou a analisar essas mesmas práticas, mas sobre a ótica das representações de gênero. Começando a pesquisa sobre as modificações corporais entre os jovens, houve a necessidade de delimitar o espaço para o estudo, resolvemos, assim, problematizar esse assunto com alunos em processo de escolarização. Mesmo fechando o campo de análise, temos conhecimento de que as práticas corporais são realizadas em diferentes espaços e por diferentes sujeitos, sendo que essas podem ser vistas e problematizadas a partir de outros olhares além daqueles que realizaremos nestas análises.

Os trabalhos que foram desenvolvidos a partir da temática da corporeidade possibilitaram múltiplas experiências, pois, ainda durante a graduação, resolvemos enviar o projeto sobre o *body modification* e os jovens para uma seleção de bolsas de intercâmbio para Portugal (Pt). Confesso que não tinha muito ideia de em que estava “me metendo” e nem tinha a pretensão de ser selecionada, pois como estava no último ano de graduação,

⁴ São eles: II Congresso Nacional de Alfabetização e Educação Ambiental: A beleza de ser um eterno aprendiz. Rio Grande; 3 SBECE Pedagogias sem fronteiras; VII seminário de pesquisa qualitativa: fazendo metodologia; VII Reunião Antropológica do MERCOSUL; III congresso Sulbrasileiro de ciências do esporte; Seminário Internacional Fazendo Gênero 7 Gênero e Preconceitos; III Jornada de estudos do CEP-RUA/FURG; V Mostra da Produção Universitária FURG; II Seminário corpo, gênero e sexualidade: problematizando praticas educativas etc.

encontrava-me mais “empolgada” com a conclusão do curso e com a formatura. Mas, como as coisas acontecem quando menos se espera, acabei sendo selecionada e tendo que fazer escolhas, ir viajar e/ou adiar a conclusão do curso de graduação.

Com diz Larrosa (2002), para viver uma experiência é necessário fazer escolhas e recusas, sofrer e se apaixonar. Optei em vivê-la, mas com tristeza e muita insegurança, pois ficar um semestre “fora de casa” era algo que nunca havia feito, principalmente, sozinha. Fui para Universidade do Minho, em Braga, cidade pequena, situada no norte do país. Cursei cinco disciplinas⁵. Como já estava quase formada tive a possibilidade de escolher as que eu mais me interessasse, sem seguir um cronograma curricular. Conheci muitas pessoas e lugares, vivi situações boas e outras nem tanto, mas com certeza foi algo que me marcou, uma experiência, um acontecimento.

Sobre meu projeto, não objective muitos resultados. Um dos motivos é que, por ser um país muito católico, algumas questões não são aceitas, sendo o caso das modificações corporais, principalmente entre os jovens. Conversando sobre meu trabalho com alguns professores da Universidade do Minho, apontaram que os jovens visam modificar sua aparência, mas não de maneira irreversível, como é a característica das práticas do *body modification*, mas sim investindo em adornos, pinturas, roupas e em cortes de cabelos, baseados nos ídolos, especialmente nos jogadores de futebol.

Ao regressar ao Brasil, a comissão organizadora do curso de pedagogia foi bastante atenciosa e prestativa, possibilitando que me formasse ainda em agosto de 2008, o que permitiu que fizesse, nesse mesmo período, a seleção no Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências: Química Da Vida e Saúde, programa esse de ampla associação com a Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sendo assim, participei da seleção com o projeto intitulado *Problematizando as remodelagens corporais no espaço escolar*, com a pretensão de discutir assuntos referentes à corporeidade, às modificações corporais, aos jovens e à escola.

⁵ Animação desportiva, literatura Infantil, movimento e drama II, Psicopedagogia e metodologia da educação infantil e organização da escola básica inicial. Semestre 2º/2007 e 2008.

Ingressei no mestrado, sob a orientação da Prof Méri Rosane Santos da Silva. Nesse período, como mestranda, pude aprofundar e buscar outras questões que me ajudassem a problematizar algumas das nossas suspeitas referentes ao campo das modificações corporal, enfocando principalmente nas práticas do *body modification*, realizadas entre os sujeitos jovens, em nossa sociedade. Sendo assim, ao longo desse período de dois anos, a pesquisa foi se constituindo e se desconstituindo até chegar no momento que ficou definido que iríamos problematizar as modificações corporais com os jovens.

2.1. Objetivos

2.1.1 - Objetivo Geral:

Essa dissertação tem a intenção de problematizar o que os jovens, estudantes de uma escola de ensino médio, dizem sobre as práticas vinculadas a *body modification*, e a partir disso, discutir a produção das identidades e da juventude associadas ao investimento e a constituição da corporeidade desses sujeitos.

2.1.2 - Objetivos específicos:

- Verificar o que os sujeitos “sem modificações corporais” dizem sobre as práticas do *body modification*;
- Analisar os discursos vinculados às práticas do *body modification* e relacionados à formação da juventude.
- Verificar o que os sujeitos “com modificações corporais” pensam sobre as práticas do *body modification*;
- Problematizar a constituição das identidades, a partir dos discursos vinculados ao *body modification*.

2.2. Modificações Corporais

O culto ao corpo como hoje vivenciamos, em que pesem as especificidades de cada momento histórico e de cada cultura, tem seu início no final do século XVIII e se intensifica no século XIX porque, nesse tempo, o corpo adquire relevância nas relações que se estabelecem entre os indivíduos. Gesta uma moral das aparências que faz convergir o que se aparenta ser com o que, efetivamente, se é (GOELLNER, 2003, p.33).

Através das palavras da autora iniciamos nossa discussão problematizando o culto ao corpo, que, na contemporaneidade, vem crescendo significativamente, principalmente, vinculada à questão da aparência. É bastante comum nos depararmos com sujeitos preocupados em apresentar uma aparência tida como ideal, podendo se tornar até mesmo uma obsessão obtê-la (GOLDENBERG, 2007, p. 08). Nos dias de hoje, é cada vez maior o incentivo aos procedimentos que visam aperfeiçoar a aparência do corpo. É quase intolerável que ainda exista pessoas que não busquem “melhorar a sua aparência”, fazer escolhas está totalmente vinculada com a maneira que se deseja ser. Couto (2007) corrobora com essa necessidade de gerenciar a aparência, pois, segundo ele, em nossa sociedade os indivíduos são avaliados pelo corpo que possuem. Para ele:

Sob o peso dessa responsabilidade cada um passa a ser avaliado, exaltado, julgado, acusado e, às vezes, pelo corpo e pela saúde que tem. O que é dito é que cada um pode ter o corpo que deseja, escolher e fabricar a versão mais adequada para cada atividade que pretende desenvolver. Mas nessa estética hegemônica do corpo mutante não existe espaço para preguiça, acomodação e pouco caso. É preciso ter pressa (COUTO, 2007, p. 53).

Dessa maneira, só se possui um corpo “feio, fora de forma, flácido, enrugado envelhecido quem quer, quem não se ama, não se cuida não se pavoneia” (COUTO, 2007, p. 42). Esse discurso moderno enfatiza a preocupação que se deve ter com a aparência, pois, por um lado, exalta as pessoas que segue as dicas para produzirem o corpo tido como ideal e essas devem ser vistas como “exemplos a serem copiados” e seguidos (ib, 53) pelos demais sujeitos. Por outro, há uma desqualificação dos indivíduos que ainda não aderiram a esse investimento corporal, fazendo com que essas pessoas sejam “socialmente excluídas,

menosprezadas, consideradas irresponsáveis e culpadas pelos seus supostos defeitos e deficiências corporais” (ib, 53). Diante disso, podemos dizer que o culto ao corpo se tornou um estilo de vida fomentado pela sociedade que nos oferece inúmeras maneiras para construirmos nossa corporeidade. Essas estratégias de produzir a corporeidade, conforme Goellner (2003), podem ser os:

Adornos, cosméticos, roupas inteligentes, tatuagens, próteses, dietas, suplementos alimentares, academias, cirurgias estéticas, medicamentos e drogas químicas fazem parte de um sem-número de saberes, produtos e práticas a investir no corpo produzindo-o diariamente (ib, 30).

Conforme Couto (2007), esse culto ao corpo está diretamente ligado ao desejo de modificá-lo e, nesse sentido, parte-se da ideia de que ele é inacabado imperfeito e, assim, deve-se investir em práticas corporais para se obter “uma boa aparência” (SIBILIA, 2009).

A partir das discussões apontadas até esse momento, podemos dizer que, partindo da necessidade de se modificar, surgem vários discursos que permeiam algumas possíveis concepções de corpos que encontramos na sociedade, sendo que o mais forte está atrelado ao desejo de se obter um corpo saudável, belo e jovem. Sendo assim, para essa análise, demarcaremos duas vertentes que surgem, a partir dos investimentos corporais. Na primeira, é possível elencar os sujeitos que visam construir seus corpos, investindo em intervenções que buscam modificar o desenvolvimento biológico de seus corpos.

Dentro desta perspectiva, podem evidenciar outros dois subgrupos: aqueles que têm o objetivo de se adequar ao padrão corporal imposto como ideal pela sociedade e, para isso, buscam as práticas citadas anteriormente por Goellner (2003); e aquele que também foi interpelado por esse discurso da necessidade de modificar os corpos, mas se diferencia do apresentado anteriormente, pois investe na construção da corporeidade visando romper com o padrão ideal imposto pela sociedade. Esses podem ser os adeptos do *body modification*, pode ser conceituado, através da realização de práticas feitas de forma voluntária, e que tem como principal característica a irreversibilidade (PIRES, 2005).

Além destas, é importante destacar também que existem pessoas que se recusam a utilizar essas práticas, pois as consideram “artificiais” e que valorizam o desenvolvimento biológico e “natural” do corpo, ou seja, esses sujeitos são atravessados pela ideia de que devem investir no “corpo original” e, para isso, buscam recursos que consideram naturais,

como por exemplo, alimentação e atividades com essa característica, que podem ser feitas ao ar livre, em praças, parques etc. como a ginástica natural (MALYSSES, 2007).

Como o foco desta investigação se refere, especificamente, às práticas do *body modification*, essas técnicas caracterizam e são definidas por Urbin e Grassetti (2005), conforme suas formas de intervenção, como populares ou radicais. Nesse sentido, podemos dizer que o autor as classifica pelo fato de produzirem marcas que são mais ou menos aceitas pela sociedade (LOURO 2004).

As práticas tidas como *populares* incluem:

FIGURAS 1:

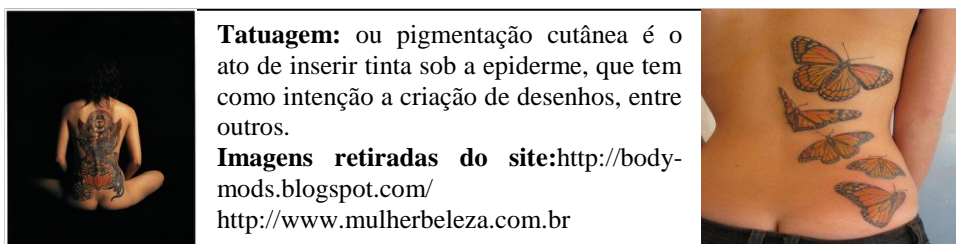
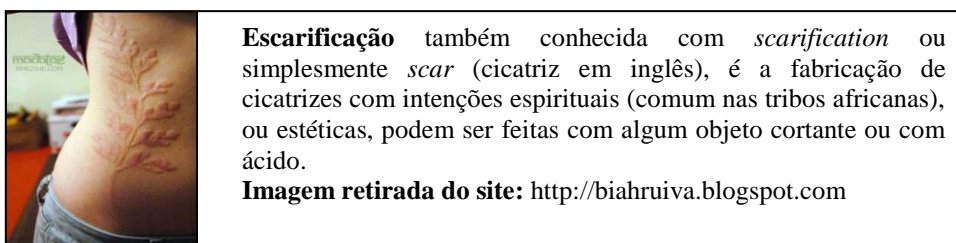
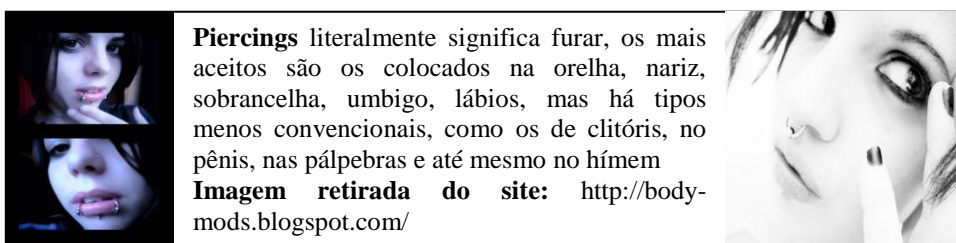


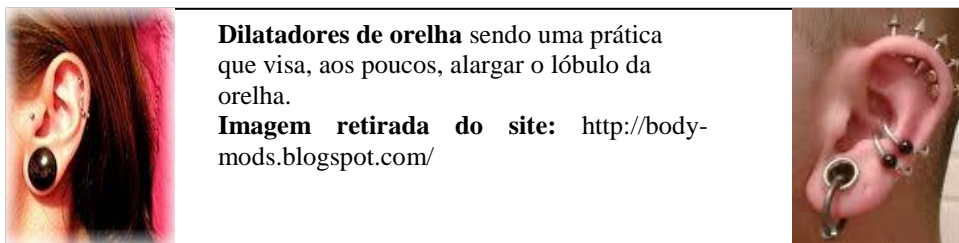
FIGURA 2:



FIGURAS 3:

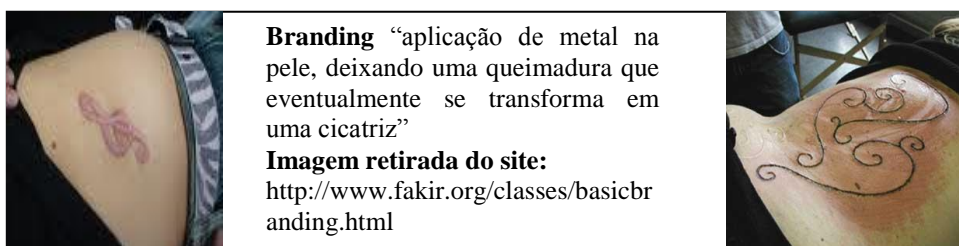


FIGURAS 4:

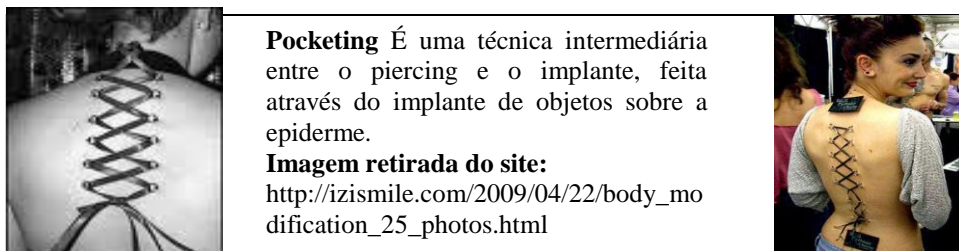


Nas definidas como *radicais* estão:

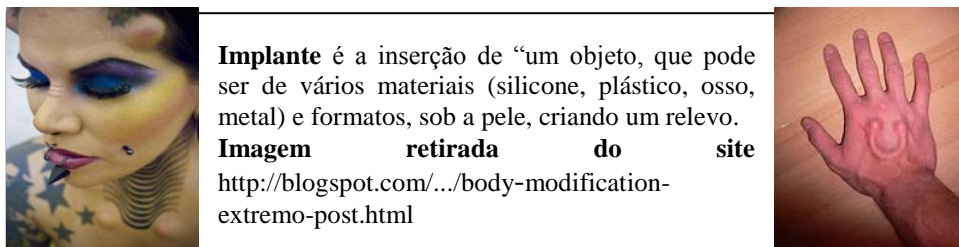
FIGURAS 5:



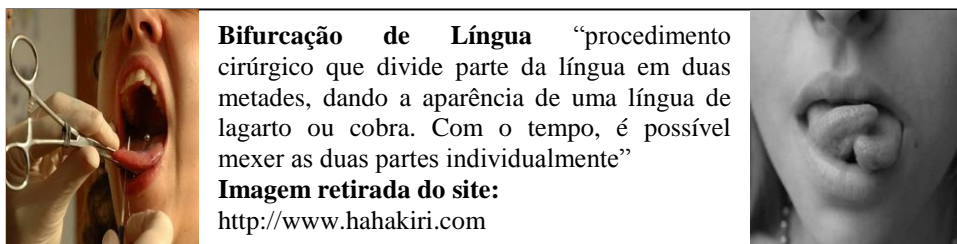
FIGURAS 6:



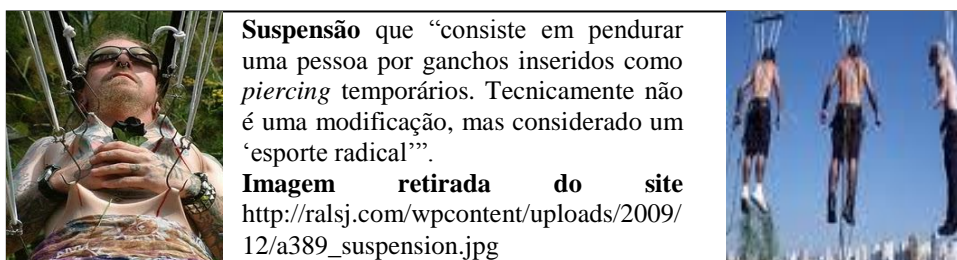
FIGURAS 7:



FIGURAS 8:



FIGURAS 9:



Diante dessa forma de constituir a corporeidade, que enfoca na aparência e se sustenta num discurso do senso comum que o vincula às formas de romper com os padrões valorizados e aceitos socialmente é que pretendemos, a seguir, analisar as produções discursivas dos jovens com relação ao *body modification* e suas interfaces com as concepções de juventude e identidades. Percebemos que a “necessidade” de modificar os corpos vem crescendo de forma significativa e, por isso, buscamos problematizar essas temáticas, especialmente, as práticas vinculadas ao *body modification*.

O interessante de problematizar essa temática é que, independente da maneira com a qual os sujeitos as realizam, seja para de adaptar aos padrões corporais e de beleza imposto pela sociedade ou quando aderem às práticas do *body modification* com o intuito de romper o modelo de corpo aceito, todas essas formas de intervenção enfocam o atual culto ao corpo, investimento moderno que gera nos sujeitos a vontade de mexer e melhorar a própria corporeidade.

2.2. Juventude

“o que é ser jovem?” “quem e até quando pode ser considerado jovem?” Mudando no tempo e são sempre diferentes nas diversas culturas e espaços sociais (NOVAES, 2006, p.105 grifos do autor).

Ao problematizar as modificações corporais acabamos sendo levadas a discutir a concepção de juventude, pois percebemos que a necessidade de intervir sobre a corporeidade está diretamente ligada ao ser jovem. Por isso, resolvemos delimitar nosso campo de discussão com esses sujeitos, em função dessa escolha, acreditamos ser importante definir o que estamos compreendendo por juventude.

Ser jovem é uma questão cultural, pois a partir de onde se fala ou dos discursos que se produzem criam-se diferentes tipos de sujeitos jovens, isso varia e depende do contexto em que se está inserido. Nesse sentido, Santos (1997) aponta que:

O corpo incorpora/encarna as marcas de uma cultura. Ou ainda, como nos reconhecemos como sujeitos de um determinado discurso sobre o corpo. Este discurso nomeia, hierarquiza, atribui valores, distribui significados e, dessa forma, por aquilo que ele enuncia e por seus aparatos, imprime em cada um de nós modos de nos conhecermos (p .85).

Podemos situar a constituição dos sujeitos tidos como jovens, pois não é qualquer indivíduo que é apontado com alguém que está na juventude. A sociedade cria características que demarcam a posição do sujeito e as formas de comportamento, condutas e aparência que deve possuir esses indivíduos para serem reconhecidos enquanto jovens.

Mas o que é ser jovem? Conforme Portinari e Coutinho (2006, p. 6), “o termo corresponde a um grupo de faixa etária entre 15 e 22 anos [...]. Essa é uma maneira de delimitar aquilo em que consiste o ‘jovem’: uma etapa de vida correspondente a uma determinada faixa etária”. Isso é um demarcador para mostrar quais são os indivíduos que podem ser considerados jovens, porém, não é uma definição fixa, ou seja, não é tão objetiva

a ponto de estabelecer quando começa ou termina a juventude, já que isso pode variar dependendo de onde está o sujeito⁶.

A faixa etária é uma característica bastante relevante, mas não deve ser considerada definidora do que é ser jovem, pois, como já foi dito, a questão cultural define significativamente a constituição da juventude. Nesse sentido, é possível falarmos em juventudes, pois esta depende do lugar de onde o indivíduo está inserido, ou seja, ser jovem na zona urbana poder ser diferente de ser jovem rural (PAIS, 1990). Essa é uma exemplificação simples, mas ajuda a compreender a ideia de que existem várias maneiras de viver a juventude. Ou ainda, nas palavras de Margulis e Urresti (1998) “a condição social da juventude não se oferece de igual maneira a todos os integrantes da categoria [...] jovem” (ib, p.4), por isso, a diferentes maneiras de ser jovem.

Buscamos problematizar as modificações corporais relacionadas aos sujeitos jovens, pois percebemos que os discursos referentes às intervenções corporais vêm crescendo de maneira significativa, sendo bastante comum encontrarmos garotas e garotas aderindo às práticas populares do *body modification* e, através delas, buscam constituir um outro jeito de ser jovem na atualidade.

⁶ Novaes (2006, p. 105) afirma que “esses limites de idade também não são fixos. Para os que não têm direito de infância, a juventude começa mais cedo. E, no outro extremo – com o aumento da expectativa de vida e as mudanças no mercado de trabalho -, uma parte ‘deles’ acabam por alargar o chamando ‘tempo de juventude’ até a casa dos 30 anos”.

2.3. Identidade

Sim, é preciso compor a sua identidade pessoal (ou as identidades pessoais?) da forma como se compõe uma figura com as peças de um quebra-cabeça, mas só se pode comparar a biografia com um quebra-cabeça *incompleto*, ao qual falem muitas peças (e jamais se saberá quantas?)
(BAUMAN, 2005, p. 54, grifo do autor).

Diante dessas palavras, destacamos uma das características que marca as identidades, ou seja, elas são incompletas, isso quer dizer que buscamos e podemos nos constituir através de inúmeras possibilidades, sendo assim, elas podem ser consideradas um quebra-cabeça, mas sem fim. As identidades estão sempre em processo de modificação, de transformação e, para compreendê-las, devemos levar em conta o momento e o espaço em que estamos inseridos. Por isso, é possível falarmos de identidades em movimento, ou seja, “vive-se em um momento em que ocorrem vários deslocamentos, constituindo-se uma pluralidade de distintos centros, dos quais podem emergir inúmeras identidades” (MOREIRA E MACEDO, 2002 p. 18).

As identidades também não podem ser consideradas únicas ou pré-estabelecidas a priori, pois, conforme Laclau (apud MOREIRA E MACEDO, 2002), entendê-las desta maneira faz com a identidade passe

a ser vista como mera fantasia: não há um núcleo essencial do eu, estável, que passe, do início ao fim, sem mudança, por todas as vicissitudes da história. O que se tem é um sujeito fragmentado, descentrado, deslocado tanto de seu lugar no mundo social como de si mesmo, composto de várias identidades, algumas contraditórias ou mesmo não resolvidas (p. 18).

A partir dessa citação, é possível apontar que as identidades são definidas “historicamente e não biologicamente” (HALL, 2006, p. 13). Isso quer dizer que elas vão variando conforme as transformações do tempo e do espaço, das relações e dos contextos sociais. É nesse sentido que o autor problematiza as constituições das identidades dos sujeitos pós-modernos, estabelecendo três características que as constituem: não são únicas, são incompletas e estão associadas ao momento histórico.

Para Hall (2006, p. 12), o sujeito pós-moderno não tem mais uma “identidade fixa, essencial ou permanente”. Com isso, passam a assumir diferentes tipos de identidades em diferentes momentos, ou seja, o sujeito pós-moderno torna-se fragmentado e não mais composto de uma identidade unificada, como é apregoada pela perspectiva biológica.

Nessa sociedade, é possível dizer que os sujeitos são interpelados por múltiplas possibilidades para constituírem as suas identidades, por isso, nesse momento, ela é caracterizada/marcada pela volatilidade. Nesse sentido, Hall (2006, p. 13) afirma que “a medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”.

Ao afirmarmos que as identidades não são naturais e que são produções culturais, passamos a compreender as transformações que ela sofre conforme o momento em que se está. Na atualidade é possível apontar que as práticas vinculadas às modificações corporais vêm ganhando espaço e estão produzindo as identidades dos sujeitos que aderem a elas. Mas diante das práticas associadas ao *body modification*, é razoável afirmar que entre elas há algumas que são mais toleráveis e incentivadas pela sociedade – como é o caso das tatuagens, piercings e os dilatadores de orelha –, sendo que nestes casos as identidades produzidas vêm sendo aceitas socialmente (ORTEGA 2006).

Por outro lado, existem outras modificações corporais do *body modification* mais radicais, que não são tão aceitas socialmente e, normalmente, são associadas ao discurso da negação e da ruptura com o modelo corporal vigente. Hall (2006, p. 18) aponta que as identidades são atravessadas pela questão da diferença, possibilitando a “criação de novas identidades” e isso é realizado quando se negam outras identidades. Assim, podemos dizer que os adeptos do *body modification* constituem suas identidades enfocando na diferença, a partir da recusa ao padrão de aparência incentivado socialmente, “a diferença é sustentada pela exclusão” (WOODWARD, 2000, p. 9).

A partir desta concepção do processo de produção das identidades é que buscamos problematizar a vinculação das modificações corporais às identidades dos sujeitos jovens que investiram ou não em determinadas práticas do *body modification*. Com isso, intencionamos conhecer os discursos que esses alunos produzem sobre a aceitação ou a não

das práticas vinculadas aos piercings, tatuagens, dilatadores e como através delas constituem suas identidades enquanto sujeitos jovens.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

3.1- Apresentando e conceituando o Grupo Focal

O trabalho com Grupos Focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais

(GATTI, 2005, p. 11.)

O Grupo Focal se constitui em uma técnica metodológica que permite levantar discussões com o intuito de proporcionar a participação e o posicionamento de todos e de cada um, sobre determinada temática. Sendo assim, a definição por esse caminho investigativo ocorreu pela necessidade que tínhamos de conhecer os pontos de vistas dos envolvidos, sem buscar manipular ou direcionar as repostas desses sujeitos. Essa estratégia metodológica se constitui como um tipo de conversa em grupos pequenos e homogêneos⁷ (MINAYO, 2006). O trabalho com esse tipo de metodologia, conforme Gatti (2005),

pode trazer bons esclarecimentos em relação a situações complexas, polêmica, contraditórias, ou a questões de difíceis de serem abordadas em função de autoritarismo, preconceitos, rejeições ou de sentimentos de angústia ou medo de retaliações; ajuda a ir além das respostas simplificadas, além de racionalizações tipificantes e dos esquemas explicativos superficiais (ib, 14).

Algumas características que definem o Grupo Focal são: primeiro, os participantes escolhidos para os encontros devem possuir algum ponto em comum – caracterizando a homogeneidade do grupo –, que, para essa pesquisa, implica que todos os escolhidos sejam jovens; e, segundo, devem possuir alguma vivência ligada ao tema a ser discutido, sendo que, nesta investigação, os jovens possuem alguma relação com as modificações corporais. Esses são, segundo Gatti (2005), os pontos iniciais e principais para a organização do Grupo Focal.

Essa técnica investigativa vem crescendo entre os pesquisadores, pois, como aponta Iervolino e Pelicione (2001), ela é bastante eficaz, já que possui baixo custo e em pouco tempo se consegue coletar dados importantes e valiosos para a pesquisa. Para eles, o

⁷ No sentido de que os membros pré-selecionados apresentem no mínimo um ponto em comum entre si e com o tema da pesquisa.

principal objetivo do Grupo Focal consiste na interação entre os participantes e o pesquisador, com uma discussão focada em temáticas específicas.

Para o desenvolvimento desse tipo de metodologia são necessários alguns sujeitos com funções bem determinadas: o facilitador ou moderador, que possui o papel de explicar o tema e levantar questões que facilitem as discussões; e o registrador, que busca armazenar todas as informações que acontecem no grupo. Esta compilação dos dados pode ser feita através de anotações, de gravações de áudio ou de filmagem e esse sujeito não deve interferir de forma direta no grupo, ou seja, ele não faz intromissões ao longo da conversa com os participantes da pesquisa (GATTI, 2005).

Outro recurso para realizar do Grupo Focal é a construção de um roteiro preliminar, “como forma de orientar e estimular a discussão e deve ser utilizado com flexibilidade” (GATTI, 2005, p. 27). O pesquisador dependerá deste roteiro para desenvolver a discussão entre os participantes, ou seja, ele tem a função de introduzir a temática no grupo e também é um recurso utilizado para não deixar que haja momentos sem discussão. Este roteiro é composto de perguntas que tem a intenção de manter o foco da conversa para a temática da pesquisa ou, ainda, possui a finalidade de não permitir que a discussão acabe antes do tempo desejado. Assim, com o roteiro é possível que o facilitador tenha algum controle sobre o desenvolvimento do Grupo Focal.

No caso deste estudo, o roteiro foi elaborado a partir de questionamentos levantados através das leituras realizadas, consolidadas durante as orientações e também por meio de discussões com o grupo de pesquisa (GESE), tendo como finalidade elencar algumas questões que poderiam ajudar a produzir as discussões com os jovens participantes do grupo. Para elaborar o roteiro para a execução do Grupo Focal, buscamos a formulação de perguntas que contemplasse nossos questionamentos sobre o que esses sujeitos jovens pensam sobre as práticas do *body modification*.

O roteiro preliminar criado para ajudar o facilitador no momento de apresentar a temática e abrir a discussão com grupo foi dividido em dois momentos: o primeiro, foi destinado a pontuar as informações sobre a organização e o desenvolvimento do Grupo Focal, em que buscamos explicar aos participantes as seguintes questões:

- **Objetivo do grupo, da gravação e o sigilo das imagens e dos nomes dos participantes;**

Neste aspecto, explicamos para os sujeitos da pesquisa o motivo que nos levou a constituir os grupos e que estávamos realizando uma coleta de dados para uma dissertação de mestrado. Após situarmos sobre o objetivo do grupo, justificamos o uso da filmadora, apontando que as gravações seriam de uso exclusivo da pesquisadora e que servia como um recurso para facilitar no momento da análise dos dados. Diante disso, colocamos também que, ao utilizarmos suas falas na dissertação, seus nomes seriam trocados, para que houvesse total sigilo sobre os participantes.

- **Definir como os grupos foram constituídos;**

O Grupo Focal foi realizado com jovens com e sem modificações corporais, sendo que todos os alunos são da mesma instituição escolar. Por isso, achamos importante definir que eles foram agrupados por possuírem algumas características em comum, nesse caso, por terem ou não algumas das práticas do *body modification*.

- **Enfatizar que a dinâmica do grupo não é entrevista;**

Com todos os participantes sentados em círculos, apontamos que a prática do Grupo Focal não era a realização de entrevista em grupo, e sim uma metodologia que incentivava a discussão entre os sujeitos. Por esse motivo, não precisavam se sentir obrigados a responder a nenhuma pergunta e que ficassem a vontade para participar da conversa quando tivesse interesse em colocar o seu ponto de vista sobre o assunto. Nesse sentido, Gatti (2005, p.29) afirma que “todas as ideias e opiniões interessam, que não há certo ou errado, bom ou mau argumento ou posicionamento, que se espera mesmo que surjam diferentes pontos de vista, que não se está em busca de consenso”.

- **Apresentação individual de todos os participantes;**

Nesse momento, foi solicitado aos participantes que se apresentassem, falando seu nome, idade e o ano de escolaridade. Isso serviu para descontrair o encontro e permitiu que nos conhecêssemos.

- **Apresentação das imagens;**

Para introduzir a temática *body modification*, optamos pela realização da apresentação utilizando o PowerPoint, em que inserimos algumas ilustrações das práticas mais conhecidas e realizadas pelos adeptos das modificações corporais. Isso foi um recurso empregado para ilustrar quais tipos de intervenções corporais é que estamos enfocando na pesquisa.

- **Abertura para o debate**

Após essas apresentações e explicações é que foi aberta a discussão, momento em que os alunos começaram a problematizar sobre a temática abordada nas imagens.

A abertura para discussão seguiu o que foi estabelecido no roteiro, o que Gatti (2005, p. 12) afirma ser importante, pois tem a intenção de manter “o foco no assunto em pauta, porém, criando-se um clima aberto as discussões, o mais possível livre as ameaças palpáveis”. O roteiro que organizamos para nortear a nossa discussão nos grupos está disponível no anexo 1, que compõem essa dissertação.

Por fim, é importante destacar a questão da duração do Grupo Focal e, quanto a isso, Minayo (2006) defende a ideia de que não se deve ultrapassar o período de uma hora e meia e que deve ser realizado um ou dois encontros com cada grupo. Isso dependerá das peculiaridades e das necessidades do pesquisador, do interesse dos participantes em continuar com a discussão ou se for identificado que ainda há necessidade de coletar mais informações para a pesquisa.

Para a realização do Grupo Focal não definimos de antemão o número de sessões que pretendíamos realizar, mas deixamos em aberto com os participantes a possibilidade de haver mais um encontro se fosse necessário. Isso aconteceria se achássemos que não havíamos atingido os nossos objetivos, que era buscar saber o que os jovens dizem sobre as modificações corporais. Cada encontro durou em torno de uma hora, constituindo-se como o tempo necessário para a discussão do que havíamos programado no roteiro.

3.2 – Descrição da realização do Grupo Focal

Após esta breve explicação sobre o funcionamento e as características do Grupo Focal, bem como de contextualizar como foi pensada a metodologia para essa dissertação, iniciaremos, a partir desse momento, a apontar algumas questões importantes para compreender as escolhas feitas para o desenrolar metodológico dessa pesquisa. Estas definições passaram, especialmente, pela escolha do lugar, a formação dos grupos, as dificuldades encontradas e a formação da “equipe”, que se constituíram como elementos fundamentais para a realização do Grupo Focal.

O espaço escolhido para execução do Grupo Focal foi numa escola de ensino médio, denominada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), situada na cidade de Rio Grande/RS. A escolha por esse espaço e não outro se deu por dois motivos: primeiro, porque, desde 2009, quando os alunos dessa escola realizavam as aulas de educação física nos espaços da FURG, a professora da disciplina nos informou que havia alunos, em suas turmas, com as modificações corporais que estávamos problematizando na pesquisa.

O segundo motivo foi pela facilidade de acesso, pois um outro professor de Educação Física da escola é meu colega de grupo de pesquisa⁸ e, conhecendo a pesquisa, nos deu abertura para realizar as atividades durante as suas aulas. Relato isso, por que antes de definimos por essa instituição, buscamos outras escolas que não se mostraram receptíveis a nossa intervenção, pois acreditavam que ao falar sobre a temática estaríamos estimulando seus alunos a realizarem as modificações corporais.

Além desse problema, tivemos duas tentativas de realizar o Grupo Focal no ano 2009, que foram fracassadas. A primeira por incompatibilidade de horários, pois eu estava envolvida com as disciplinas do mestrado, o que acabava coincidindo com os momentos disponíveis dos alunos. A segunda foi pela ausência dos participantes, ou seja, por alguns motivos, os alunos que haviam se comprometido em fazer parte do grupo, no dia marcado, não compareceram. Isso gerou uma grande frustração, pois tive receio de não conseguir dar

⁸ Grupo de Pesquisa vinculado ao Programa de Pós Graduação: química da vida e saúde, na linha Educação Científica: Implicações das Práticas Científicas na Constituição dos Sujeitos.

conta da metodologia que pretendia desenvolver, já que a mesma não dependia só de mim e de minha necessidade investigativa.

Para efetivar esta pesquisa, discutimos a necessidade de organizarmos dois grupos e, assim, coletarmos as informações necessárias à investigação. Esses grupos foram denominados por nós, como os que possuíam algum tipo de modificação corporal relacionada ao *body modification* e os que não possuíam. Essa definição foi feita, pois acreditamos que os sujeitos se produzem, a partir da aceitação e da negação de determinadas ações, por isso, resolvemos problematizar esse assunto com os alunos que possuem e não possuem modificações corporais, mas sem a intenção de comparar e sim buscar saber o que esses jovens pesam sobre as práticas referentes ao *body modification*.

Iniciamos o contato com as turmas durante a aula de educação física, em que expliquei quem eu era, os objetivos do estudo e o que estava pretendendo fazer para o desenvolvimento metodológico da pesquisa que esperava realizar. Após, foi feito um levantamento de quem possuía modificações corporais e quem estava interessado em participar do grupo para o debate, informando, nesse momento, que se constituiriam dois grupos distintos e que a participação era voluntária.

O primeiro encontro do Grupo Focal foi com os jovens que não possuíam modificações corporais, sendo realizado no dia 12 de abril de 2010, no período da manhã, na própria instituição. Participaram da discussão treze sujeitos, sete meninos e seis meninas, com idades entre quinze e dezessete anos, estudantes do 1º, 3º e 4º anos do Ensino Médio.

Esse número de alunos nos surpreendeu, pois mesmo percebendo o interesse deles no dia da apresentação não imaginávamos que seriam tantos. Apesar de ter conhecimento da recomendação de que para a efetivação do Grupo Focal, o aconselhado é a utilização de pequenos grupos, mas também por sabermos que são sugestões e que, por isso, essas definições não são fixas, resolvemos continuar o encontro com todos os interessados.

O segundo encontro foi com alunos que possuíam modificações corporais relacionadas ao *body modification*, sendo realizado no dia 28 de abril de 2010, também pela manhã e na instituição. Esse foi um grupo menor, com a participação de quatro alunos, duas meninas e dois meninos, outros dois que tinham se comprometido em participar faltaram

nesse dia. Os jovens que participaram deste grupo são estudantes do 1º e 2º anos do Ensino Médio.

Mesmo com a falta de dois participantes, resolvemos realizar o Grupo Focal, pois, pelas indicações feitas por Minayo (2006) e Gatti (2005), este número é bastante indicado para a realização da coleta de dados, pois assim é possível que os sujeitos possam se aprofundar no debate, expondo seus pontos de vista, além de permitir que os registros dos acontecimentos sejam mais consistentes.

No primeiro grupo, por ser constituído de um número maior de participantes, sentimos um pouco de dificuldade no momento de transcrever os diálogos que se estabeleceram nesse encontro. Mesmo utilizando o recurso da gravação de imagens, no momento de transcrever as falas, algumas delas se perderam, pois em determinados períodos da conversa, os sujeitos falavam ao mesmo tempo, havendo discussões paralelas e, por isso, não conseguimos coletar todas as falas.

Ao realizarmos a coleta de dados no IFRS, acreditamos que determinadas discussões surgiram, principalmente, por causa das finalidades dessa instituição escolar. Por isso, a seguir, apresentaremos uma caracterização desta instituição escolar, visando contextualizar o espaço onde esta investigação se efetivou.

3.3. IFRS

Antes de iniciarmos a apresentação dos artigos achamos relevante para compreendermos algumas questões que surgiram durante a realização dos encontros com os alunos, pois suspeitamos que determinadas preocupações foram bastante enfocadas por eles, principalmente, por causa da instituição em que estão inseridos. Sendo assim, a seguir, caracterizaremos o que são as IFRS, sendo que as principais informações apresentadas nesse momento foram retiradas do seu Projeto Político Pedagógico, que está disponível no sítio virtual⁹ da instituição.

A escola é denominada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (RS) - Campus Rio Grande e “oferece cursos em três eixos tecnológicos, Ambiente, Saúde e Segurança; Informação e Comunicação; e Infraestrutura, nas modalidades de Ensino Médio, Pós-Médio, Proeja, Educação a Distância, Qualificação Profissional e Ensino Tecnológico”. É uma instituição pública federal, sendo que os sujeitos que desejam realizar o ensino médio nesse espaço precisam passar por um processo de seleção. Através disso, já fica demarcado o tipo de indivíduos que comporão o quadro dos discentes dessa escola, ou seja, sujeitos preocupados e interessados em fazer parte do mercado do trabalho.

Essas instituições apresentam algumas definições bastante específicas, expressas no tópico **Finalidades e Características**¹⁰

- Ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos **com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional;**
- Desenvolver a **educação profissional** e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais;

⁹ Estas informações foram retiradas do site <http://www.riogrande.ifrs.edu.br>

¹⁰ <http://www.ifrs.edu.br>, grifos nossos

- Promover a integração e a verticalização da educação básica à **educação profissional** e educação superior, otimizando a infra-estrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão;
- Orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal;
- Constituir-se em centro de excelência na oferta do ensino de ciências, em geral, e de ciências aplicadas, em particular, estimulando o desenvolvimento de espírito crítico, voltado à investigação empírica;
- Qualificar-se como centro de referência no apoio à oferta do ensino de ciências nas instituições públicas de ensino, oferecendo **capacitação técnica** e atualização pedagógica aos docentes das redes públicas de ensino;
- Desenvolver programas de extensão e de divulgação científica e tecnológica;
- Realizar e estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo, o cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico;
- Promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente.

Ao buscarmos informações que nos ajudássemos a compreender o que seriam os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, acabamos entendendo também umas das questões que sobressaiu durante as discussões no Grupo Focal, ou seja, independente de ser com os alunos que aderiram as modificações corporais ou não a preocupação em realizar as modificações corporais estava vinculada à empregabilidade. Isso se deu em ambos os grupos e através da pesquisa nos sites relacionadas aos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, identificamos que ela visa preparar os alunos para o mercado de trabalho.

Acreditamos que por causa dessa preocupação com o trabalho é que durante as discussões, a questão da empregabilidade foi tão enfocada, inclusive, justificando ou não a realização das modificações corporais. Esta questão se destacou, pois os alunos

receavam que a realização destas modificações corporais prejudicassem o ingresso no mundo do trabalho.



4. ARTIGOS

4.1 ARTIGO 1

***“A gente sempre tem uma convicção muito maior do que vai fazer aos 20 do que com 15 anos”*: a juventude como “imaturidade”.**

RESUMO: Essa pesquisa tem como objetivo analisar o que os sujeitos que não possuem modificações corporais dizem sobre elas, relacionando-as com o debate sobre a juventude. Consideramos práticas corporais, para essa pesquisa, as vinculadas ao body modification, que são: os piercings, as tatuagens, os dilatadores, as escarificações etc. Nesse sentido, demarcamos o espaço escolar para realizar esta investigação, por ser um local que abriga uma diversidade de sujeitos jovens. Para tanto, utilizamos como metodologia de pesquisa o Grupo Focal, pois é um recurso que faz a coleta de dado através das discussões entre os participantes, não tendo a intenção de atribuir valores às questões problematizadas, e sim dar voz a eles. Esse estudo foi realizado numa escola de ensino médio, intitulada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) localizada na cidade do Rio Grande/RS, sendo que o encontro foi realizado com sujeitos que não possuíam nenhuma das modificações corporais citadas anteriormente. As principais considerações encontradas durante a análise dos dados foram: a preocupação em associar às práticas corporais algum significado, ou seja, os participantes afirmaram que uma modificação corporal deve estar atrelado a um motivo, a um fato significativo da vida, entre outros. Além disso, os participantes reforçaram o discurso de que a juventude não possui “maturidade suficiente” para tomar decisões importantes, devido a inconstância de sentimentos que é associado ao ser jovem; também identificamos a preocupação com o emprego, já que os jovens da pesquisa demarcam que possuir uma modificação corporal relacionadas ao body modification pode comprometer o acesso ao mercado do trabalho.

Palavras - chave: corpo, juventude, *body modification*.

ABSTRACT: This study aims to examine the young people that have no physical modifications are saying about them, relating them to the debate on youth. We consider body practices for this survey, those related to body modification, which are: piercings, tattoos, dilators, the scarification etc. Accordingly, we defined the school space to undertake this research, for being a place that has a diversity of young subjects. We used as a research methodology the focus group as it is a feature that makes the collection of data through discussions among participants, and is not intended to assign values to questions problematic, but rather to give voice to them. This study took a high school, entitled Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Sul (IFRS), and the meeting was conducted with subjects who did not have any of the bodily changes mentioned above. The main considerations encountered during data analysis were: concern for the bodily practices associated with some meaning, that is, the participants noted that a body modification should be tied to a motive, a significant fact of life, among others. In addition, participants reinforced the argument that youth does not have "mature enough" to make important decisions because of inconstancy of feeling that is associated with being young, we also identified a concern with employment, as the young research demarcate to

possess a body modification related to body modification can compromise access to the labor market.

Keywords: body, youth, body modification.

I) Começando a discussão:

A corporeidade tem sido abordada sobre diferentes focos, proliferando inúmeros discursos referentes ao modo de ser e estar corporalmente no mundo. Santin (1992) afirma que corporeidade é um conceito abstrato que indica as análises sobre corpos de acordo com as diferentes compreensões desenvolvidas culturalmente ao longo da história. Nesse momento, podemos caracterizar o corpo como um espaço marcado pelas modificações, já que a elas é atribuída a noção de aperfeiçoamento, pois o corpo, na sua essência e no seu desenvolvimento considerado “natural”, é considerado imperfeito (SIBILIA, 2009).

Esse desejo de “modificar” a corporeidade tem sido bastante evidenciado entre os jovens. Eles são interpelados por esse discurso e buscam alinhar-se ao modelo de corpo perfeito e ideal apontado e incentivado pela sociedade. O desejo de adequar o corpo a um padrão social está associado à valorização da juventude como parâmetro para este modelo de corpo a ser almejado. “Deseja-se chegar a ela cedo e nela permanecer por muito tempo” (SILVA e SOARES, 2003 p. 86). As palavras dessas autoras corroboram com a análise sobre a supervalorização que a sociedade contemporânea apresenta com relação à juventude. Nesse sentido, Ariès (1986) complementa que estar jovem e bonito é um ideal da nossa sociedade.

Tendo conhecimento desses interesses sobre a juventude e a corporeidade, essa escrita tem a intenção de problematizar as questões vinculadas aos discursos dos jovens, os quais interpelam e de certa maneira os constituem como sujeitos numa sociedade contemporânea ocidental. Sendo assim, o objetivo deste artigo¹¹ é verificar o que os jovens sem modificação corporal¹² de uma escola denominada IFRS (Instituto Federal do Rio

¹¹ Esse artigo é um recorte da dissertação de mestrado de Alessandra Amaral da Silveira, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (Associação ampla FURG/UFSM/UFGRS).

¹² Para essa discussão serão considerados sem modificação corporal aqueles sujeitos que não aderiram as práticas conhecidas como tatuagens, piercings, escarificações, dilatadores etc. Nesse artigo, pretendemos aprofundar as práticas referentes ao *body modification*, conceito esse que será melhor explicado no tópico sobre modificação corporal. Entendemos que há diferenças entre as expressões *body modification* e modificação corporal, mas para efeito deste texto, estamos usando-as com sinônimo.

Grande) de ensino médio, localizada na cidade de Rio Grande/RS, dizem a respeito das práticas do *body modification*.

A partir das temáticas ligadas à corporeidade, percebemos que, na atualidade, existem muitos artifícios usados pelos indivíduos para construir o seu jeito de ser e, para isso, realizam diversas modificações corporais. É através de determinadas marcas (biológicas ou adquiridas¹³) que os sujeitos se constituem e são posicionados na sociedade, isso se dá pela sobreposição de determinadas marcas sobre outras, que acabam ditando os padrões que estão dentro da norma.

As maneiras mais conhecidas e aceitas na nossa sociedade de modificações corporais são a musculação/ginástica, o bronzamento artificial, as dietas, as cirurgias plásticas etc. Além dessas, há pessoas que visam se construir através de outras técnicas, como, por exemplo, as praticadas pelos adeptos do grupo denominado *body modification*. Esse termo remete às modificações corporais realizadas voluntariamente e caracterizadas, principalmente, pelo seu caráter de irreversibilidade. Dentro desse grupo, as práticas mais conhecidas e usadas são os piercings, as tatuagens, as escarificações e os dilatadores.

Diante de tantas possibilidades em se produzir o sujeito, decidimos, para essa escrita, fazer algumas limitações e aprofundar nosso conhecimento, enfatizando as questões referentes aos jovens e às técnicas do *body modification*. Para delimitar o nosso campo de análise, resolvemos problematizar essa temática com os alunos da escola IFRS, com idades entre 14 e 17 anos. Essa escola foi escolhida, por sabermos de antemão da existência de alunos com modificações corporais e também por ter sido um espaço que permitiu a realização desta investigação, já que em outras escolas consultadas não houve interesse em nos dar espaço para realizar este trabalho, pois alegavam que ao falar sobre o assunto estariam incentivando seus alunos a fazerem.

Para realizar esta investigação, buscamos através das técnicas do Grupo Focal, respostas para as nossas inquietações, pois utilizando essa estratégia metodológica é possível perceber o que os participantes pensam e seus posicionamentos sobre a temática levantada para discussão, visando, o mínimo possível, induzir as respostas. Esta estratégia

¹³ Conforme LOURO (2004), as marcas biológicas podem ser as de gênero, de sexo, de etnia, de nacionalidade etc. Já as adquiridas podem ser, uma aliança, um véu, corpo malhado, um piercing etc.

de coleta de dados tende a dar voz aos participantes, com o intuito de deixá-los a “vontade” para discutir sobre o tema proposto.

Escolhemos problematizar as questões referentes às técnicas do *body modification* em dois grupos distintos – os que possuem modificação corporal e os que não possuem –, pelo fato de acreditarmos que as pessoas se constituem enquanto sujeitos através da aceitação ou não de determinadas práticas, nesse caso, o do uso ou não dessas modificações corporais.

E por que focar nos jovens/juventude? Por suspeitarmos que os discursos ligados ao *body modification* estejam dirigidos, principalmente, para esse grupo e nesse sentido há jovens que se apropriam desse discurso e outro que não, e assim vão se constituindo suas juventudes. A escolha por esse grupo de indivíduos, em especial, também foi feita, por que percebermos que mesmo com o crescente interesse pelo uso das modificações corporais, esses sujeitos não se tornaram adeptos.

Mesmo havendo um crescente interesse, em aderir às modificações corporais, recorrendo ao uso dos piercings, das tatuagens, das escarificações e dos dilatadores, existem sujeitos que escaparam ao esse discurso e não estão tão interessados em aderir ao uso desses adornos corporais. No entanto, esses indivíduos constituem sua juventude e sua corporeidade de outras maneiras. É focalizando nesse grupo sem modificação corporal que pretendemos elaborar uma discussão, buscando saber o que eles falam sobre as modificações abordadas nesse texto.

Para situar o leitor, a organização desse artigo se deu em três partes. A primeira aponta os caminhos metodológicos utilizados para coletar das informações necessárias para análise. A segunda parte define o que são as modificações corporais e as práticas realizadas no movimento *body modification* e analisa o que tem sido pensado sobre as questões referentes à juventude, demarcando o que esse termo significa na pesquisa. Por fim, a terceira parte busca discutir os dados coletados nas técnicas do Grupo Focal.

II) Caminhos da pesquisa:

A metodologia escolhida para coleta dos dados dessa pesquisa foi a do Grupo Focal. Essa técnica se mostrou bastante apropriada para o tipo de análise que pensamos em fazer, pois buscamos verificar o que os jovens que não possuem modificação corporal dizem sobre elas. Essa metodologia se mostrou bastante eficaz, pois não visa julgar as falas e as condutas dos jovens, ou seja, não queremos avaliar se as respostas são certas ou erradas e nem quantificá-las, e sim saber o que os sujeitos da pesquisa pensam sobre a temática apresentada.

O Grupo Focal é um tipo de conversa realizada com grupos pequenos e homogêneos de pessoas (MINAYO, 2006), no sentido de que os membros escolhidos para participar da discussão temática devam apresentar, no mínimo, um ponto em comum entre si e com o tema da pesquisa. Completando com as palavras de Pichon-Rivièri (1998, p. 234), essa metodologia pode ser definida como um “conjunto restrito de pessoas, ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articulados por sua mútua representação interna, que se propõe de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade”. Ou seja, há uma pré-seleção dos indivíduos que são escolhidas para participar do grupo, pois para que haja a possibilidade de discussão entre os participantes eles devem possuir alguma familiaridade com o assunto.

O Grupo Focal deve ter, ainda, um moderador, que administra o debate do grupo. Para isso, ele necessita construir previamente um roteiro, com o objetivo de nortear o debate e não permitir que em determinados momentos não haja discussão. Para o registro dos dados, o moderador pode optar pela gravação áudio visual. No caso desse estudo, houve dois moderados, a mestranda responsável por essa pesquisa e também a professora e orientadora desse trabalho.

Especificamente com relação a esta investigação, o grupo foi constituído com alunos de uma escola de ensino médio e técnico, denominada Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), situada na cidade de Rio Grande/RS, localizada na região central da cidade. Essa escola apresenta um processo de aprendizagem direcionado para a formação profissional, tendo como principal característica a formação para o mercado de trabalho.

Para esse artigo, vamos nos deter no Grupo Focal que foi realizado com os jovens que não possuíam modificação corporal, ou ainda, que não se consideravam serem modificados. Participaram desse encontro 13 jovens, sete meninos e seis meninas, com idades entre quinze e dezesseis anos, estudantes dos 1º, 3º e 4º anos do Ensino Médio. Mesmo sabendo que uma das recomendações do Grupo Focal é a constituição de grupos pequenos, em função do interesse ampliado de jovens em fazerem parte da discussão, não nos sentimos a vontade para excluir os interessados, já que eles fizeram questão de participar do encontro. Nesse encontro do Grupo Focal, tínhamos a intenção de realizar a discussão apenas com os jovens que não possuíam nenhuma das práticas associadas ao *body modification*. No entanto, uma aluna do 3º ano da IFRS, com piercing no umbigo, escolheu fazer parte desse grupo, pois ela não se considerava modificada.

III) “Ter 18 anos para poder fazer uma modificação corporal, não quer dizer nada, o que importa é a cabeça”

*Preciso de seu olhar, de ser percebido, senão, não existo
(ORTEGA, 2006).*

Na atualidade vem crescendo, ao mesmo tempo, dois discursos referentes ao corpo. Um busca enaltecer o corpo natural e para isso investe em ginásticas, alimentações denominadas naturais, valorizando o que é orgânico. Outro discurso que também vem ganhando força é o das modificações corporais, que considera o corpo “natural” defeituoso, que, por isso, precisa ser modificado. Le Breton (2003) chama atenção que, na contemporaneidade, o corpo original/natural é considerado como imperfeito. De certa maneira ambos possuem o mesmo pressuposto, ou seja, que existe uma essência de corpo e que essa deve ser recuperada ou alterada.

Mesmo tendo conhecimento dessas duas visões, nos focaremos no desejo de “criação” do corpo, essa vontade que vem sendo sistematicamente estimulada, inclusive, aposta na invenção do próprio corpo, pois possui-lo em seu estado original, para essa concepção, não é mais tolerável, já que, nesse formato, ele é considerado inacabado, incompleto. Segundo Le Breton (2003), o corpo é uma matéria prima a modelar, que está em constante construção para se encaixar no *design* do momento em que está vivendo. Para

o autor, a sociedade ocidental cultua os corpos modificados e, a partir disso, investe na “construção” dos mesmos.

Para conseguir o padrão de corpo adequado, as pessoas buscam diversas alternativas que são encontrados no mercado da aparência (SIBILIA, 2009). Nesse sentido, Le Breton afirma que:

não é mais o caso de contentar-se com o corpo que se tem, mas de modificar suas bases para completá-lo ou torná-lo conforme à ideia que dele se faz. Sem o complemento introduzido pelo indivíduo em seu estilo de vida ou suas ações deliberadas de metamorfose físicas, o corpo seria uma forma decepcionante, insuficiente para acolher suas aspirações (LE BRETON, 2003, p. 22).

Dentro desta perspectiva, existem cada vez mais pessoas interessadas em realizar algum tipo de modificação em seus corpos, sendo possível dividir esse interesse, para efeito dessa análise, em dois subgrupos: no primeiro, estão os sujeitos que buscam se adequar a um modelo de beleza aceita, incentivada e valorizada pela nossa sociedade, investindo em procedimentos, tais como lipoaspiração, dietas, ingestão suplementos alimentares e outros.

Num segundo subgrupo estão os praticantes do *body modification*, que é caracterizado, por Pires (2005), como o uso de técnicas que possibilita ao indivíduo adquirir características não similares às inatas, aplicadas ao corpo por meio de perfurações, cortes, queimaduras e cirurgias. Seus adeptos buscam a elaboração de um corpo com um estilo que não siga o tradicional, ou seja, aquele que rompe com a imagem convencional que se deve ter ou que é esperado que se tenha. Nesse sentido, Ortega (2006, p. 49) afirma que o *body modification* “constituem um esforço de fugir da cultura da aparência e de recuperar uma dimensão do vivido corporal”, buscando contrariar o padrão, o modelo imposto e desejado pela sociedade vigente.

Várias técnicas caracterizam e constituem o *body modification* e são classificadas, conforme suas formas de intervenção, por Urbin e Grassetti (2005), como:

a) as mais populares e conhecidas: entre estas práticas¹⁴ temos as **tatuagens (fig. 1 e 2)**, que são aplicações subcutâneas realizadas através da introdução de pigmentos por meio

¹⁴ Todas as imagens que ilustram as práticas do *body modification*, foram retidas da apresentação mostrada durante a realização do Grupo Focal.

de agulhas; os **piercings** (fig. 3 e 4), que se caracterizam por perfurações de diversas partes do corpo, com a intenção de introduzir peças de metal;



as **escarificações** (fig. 5), que são feitas pela fabricação de cicatrizes, com intenções espirituais - como é comum em tribos africanas - ou para embelezamento; e os **alargadores** (fig. 6), que são pinos de aço inox, madeira ou pedra, que são usados para alargar o lóbulo da orelha ou de outras partes do corpo;



b) as mais radicais e menos conhecidas: entre elas podemos citar o **branding** (fig. 7), que é a aplicação de metal aquecido na pele, deixando uma queimadura que eventualmente se transforma em



uma cicatriz; o **tong split** (fig. 8)- bifurcação da língua – procedimento cirúrgico que divide parte da língua em duas metades, dando a aparência de uma língua de lagarto ou cobra, com o tempo, é possível mexer as duas partes

individualmente; o **implante subcutâneo** (fig. 9), que consiste em inserir objetos, que podem ser de vários materiais - silicone, plástico,



osso, metal - e formatos, sob a pele, criando um relevo; **pocketing** (fig. 10), que é considerado uma anti-perfuração, em

que parte do material utilizado fica sob a pele e outra – podendo uma barra ou uma fita – fica exposta; e, por fim,



a **suspensão corporal** (fig. 11), que consiste em pendurar

uma pessoa com ganchos, inseridos como piercings temporários, e suspendê-los num período de 20 a 30 minutos, deixando-os pendurados pela pele. Para seus adeptos a suspensão não é considerada como uma modificação corporal, e sim um esporte radical.

Dentro das práticas do *body modification*, algumas são tidas milenares, pois já são utilizadas há muitos séculos¹⁵, mas foram retomadas na contemporaneidade, demarcando outro estilo de construir a própria corporeidade. Ou seja, as pessoas na contemporaneidade resgataram essas práticas e através delas se constituem enquanto sujeitos, nesse sentido para autores como Le Breton, as pessoas utilizam diversas técnicas para mudar seus corpos e, “ao mudar o corpo, o indivíduo pretende mudar sua vida, modificar seu sentimento de identidade” (LE BRETON, 2003, p. 30).

Embora não possuíssem modificações corporais relacionadas ao *body modification*, essa ideia de alterar o corpo é bastante presente no grupo, pois os participantes se mostraram bastante familiarizados com as técnicas apresentadas, expressando entendimento inclusive sobre a maneira como elas são realizadas. Para eles, o ato de se modificar deve estar atrelado a um motivo, um significado. Sobre isso, os participantes fizeram os seguintes comentários:

“Para marcar um momento da vida, bah nasceu um filho! ¹⁶” (Derick).

“Ah sei lá, para diferenciar a pessoa, tipo personalizar a pessoa” (Thalison).

“Para ela se sentir única. Mas, acho que a pessoa tem que ter uma noção do que é excessivo ou não” (Derick).

“Eu tenho um amigo tatuador e diz que normalmente as pessoas falam que vão se tatuar por causa de algum sentimento, que elas estão sentindo, geralmente felicidade ou revolta é sempre pelos sentimentos extremos” (Derick).

“Acho que um furo não significa muita coisa, mas uma tatuagem significa muito mais” (Samara).

“Geralmente é com motivos dentro quando tu estás conversando com a pessoa sobre tatuagem, ela vai te explicando os motivos por que fez, e diz ah ninguém tem igual a minha!” (Brenda).

¹⁵ Registros sobre mumificação apontam que as primeiras ocorrências de práticas de modificação corporal datam de entre 4000 e 2000 a.C. no Antigo Egito, mais especificamente a tatuagem.

¹⁶ A partir desse momento todas as frases que estão em itálico e entre aspas são as falas dos participantes do grupo. Os nomes não são verdadeiros e foram trocados para preservar a identidade dos alunos.

Nesse sentido de buscar ser diferente, Ortega (2006, p. 53-54) aponta que fazer modificações corporais está relacionada ao caráter de “autenticidade” buscada pelos sujeitos, rompendo com o mercado da aparência do que é bonito, considerado esteticamente perfeito e ideal pela sociedade. O autor coloca ainda que essas modificações não devem ser “consumidas como meros signos”, pois deixam marcas permanentes. Esse desejo de ser único leva alguns sujeitos a recorrerem ao uso das modificações corporais e este argumento foi apontado na discussão, reforçando, assim, a intencionalidade de ser diferente através da alteração do próprio corpo. Brenda, participante do grupo, enfatiza o uso da modificação com esse objetivo, quando traz o exemplo da realização da tatuagem:

“A minha amiga diz: - eu fiz uma por que nunca vi em ninguém. A maioria das pessoas que fazem procuram não fazer igual a do outro” (Brenda).

Embora demonstrasse conhecimento e um certo fascínio por algumas práticas do *body modification*, eles valoraram e julgaram as práticas mais “radicais”, como “equivocada” ou ainda como “algo inexplicável”. Os participantes do Grupo Focal demonstraram uma certa rejeição as práticas como implantes subcutâneos, bifurcação de língua, *branding* e a suspensão, enfatizando que são “exageradas”. Nesse momento, percebemos a atribuição de significado ao fato de se modificar e as práticas citadas acima geraram os seguintes comentários:

“Colocar guampas que coisa feia” (Joana).

“Ficar suspenso pela pele acho que não tem necessidade de fazer isso” (Kevin).

Nesse momento, também, foi abordado as práticas que eles consideram mais aceitas e incentivadas socialmente. ORTEGA (2006, p. 50) as identifica como sendo as tatuagens e os piercings visíveis, por serem os mais “comum na nossa cultura contemporânea, tornando-se *mainstream*¹⁷”. No entanto, é possível incluir nessa classificação os dilatadores. O interesse por eles surgiu recentemente, mas está sendo aceito socialmente. Suspeita-se que essa admissão de determinadas práticas e não de outras se dá pelo fato de que algumas marcas já terem sido incorporadas e acolhidas pela sociedade (ORTEGA, 2006). Nesse sentido, surgiram as seguintes opiniões.

¹⁷ Não possui uma única palavra para traduzi-la, mas pode se entender nesse contexto como a integração a aceitação de alguma coisa ou de alguém ao grupo dominante. Nesse caso se refere a aceitação das práticas iniciais do *body modification*.

“Esteticamente ela (tatuagem) é mais bonita do que marcar a pele com ferro quente. O piercings também é bonito” (Kevin.)

“A tatuagem feita no rosto é horrível, mas se for feita aqui (pulso), ou aqui (perna), ou até em todas as costas como a do cara que foi mostrado na apresentação é bonita. Eu conheço um cara que tem bairrada na barriga, e eu acho um exagero é como tu ter um dilatador que cabem três dedos eu acho outro exagero. Pode ter um pequeno aí é normal” (Derick).

A partir dessas falas, é possível identificar que, vinculadas às práticas do *body modification*, já se constituiu uma hierarquização das marcas corporais (LOURO, 2004), ou seja, nessa lógica, percebermos que há marcas que “podem valer mais ou menos” (ib, p. 75), são valorizadas ou rejeitas. A partir disso, podem ser definidas como dentro ou fora da norma.

Para assegurar a manutenção da norma, segundo Louro,

são realizados investimentos – continuados, reiterativos, repetidos. Investimentos produzidos a partir de múltiplas instâncias sociais e culturais: posto em ação pelas famílias, pelas escolas, pelas igrejas, pelas leis, pela mídia ou pelos médicos, com o propósito de afirmar e reafirmar a norma [...] (2004, p. 82).

Nesse sentido, a norma visa produzir a normalidade e o normal, que, segundo Castro (2009, p. 310), é efeito “da valorização das condutas”, de “uma conformidade que se deve alcançar; busca homogeneizar”. A partir dessa perspectiva, podemos observar que os sujeitos que participaram desta investigação são interpelados pelos discursos que estabelecem o que, em termos das técnicas do *body modification*, são aceitáveis e quais as modificações que podem ser feitas para continuar sendo consideradas normais para a sociedade.

Sendo assim, quando determinadas práticas do *body modification* são aceitas e ainda classificadas como normais, nos remetemos a uma problematização realizada por Foucault (2001) sobre a norma. Segundo o autor, a norma é instituída para ditar quais devem ser os comportamentos e as condutas dos sujeitos e, assim, as pessoas que vêm se constituindo dentro do que a norma estipula serão considerados normais. Segundo as análises desse filósofo, podemos entender que esse conceito:

não se define absolutamente como uma lei natural, mas pelo papel de exigência e de coerção que ela é capaz de exercer em relação aos domínios a que se aplica. Por conseguinte, a norma é portadora de uma pretensão de poder [...] a norma traz

consigo ao mesmo tempo um princípio de qualificação e um princípio de correção (FOUCAULT, 2001, p. 62).

Além de buscar qualificar e corrigir os sujeitos a norma é uma “medida que se institui a partir de um princípio geral de comparabilidade” (EWALD, 1993 p. 111), ou seja, ela é modelar, serve de referência. A norma investe na comparação entre os sujeitos para poder distingui-los. Os indivíduos que se adéquam a ela são vistos como “normais” e aqueles que se desviam da norma, podem ser tidos como “anormais”. A norma produz comportamento, colocando-se como referência.

Articulando com a temática *body modification*, a norma vem ditando que os sujeitos jovens que aderem às práticas classificadas como populares são tidos como “normais”, legitimando essa maneira de intervir sobre a corporeidade. Por outro lado, a norma aponta como atitude desviante, as práticas tidas como radicais negando essa maneira modificar os corpos. No entanto, “a norma é uma medida que opera sem exclusão, por inclusão, absorção, assimilação, mesmo daquilo que poderia pretender excedê-la” (EDWALD, 1993, p. 112).

No caso das práticas iniciais do *body modification*, como a tatuagem, os piercings e os dilatadores pequenos são mais admissíveis que o branding, a suspensão, a bifurcação de língua, essas por parte do grupo causaram estranhamento. Segundo Louro (2003, p. 01), isso ocorre pelo fato de que “no interior de uma cultura, há marcas que valem mais e marcas que valem menos. Possuir (ou não possuir) uma marca valorizada permite antecipar as possibilidades e os limites de um sujeito”. Isso acontece, pelo fato de que nesse momento histórico, há determinadas alterações no corpo que não são tidas como comuns, ou seja, as pessoas ainda não se acostumaram seu olhar a outras modificações e as consideram radicais, entrando na discussão do que é aceito é considerado “normal”. É como enfatiza uma das participantes do grupo diante do espanto dos colegas a essas práticas:

“é que a gente já está mais acostumado com o uso dos piercings, das tatuagens e dos dilatadores seria igual se todo mundo fizesse suspensão” (Brenda).

A partir desse momento iniciaremos a discussão sobre a juventude. Como foi apontado anteriormente, uma das delimitações¹⁸ desta pesquisa está em focar o que é denominada socialmente como juventude. Por termos definido problematizar o uso ou não das modificações corporais realizadas por esses grupos de sujeitos, acreditamos ser importante abordar o que estamos entendendo por juventude.

Nas palavras de Coutinho e Portinari (2006, p.61) “ser ‘jovem’, na cultura ocidental contemporânea, é, sobretudo, uma forma de identidade, um estilo de vida”. Esse apontamento dos autores se encaixa a essa pesquisa, já que busca problematizar esse termo de maneira ampla, levando em consideração as questões culturais, sem descartar outros fatores que demarcam o que é ser jovem, como por exemplo, a faixa etária, o desenvolvimento corporal etc.

Contribuindo para o entendimento sobre o conceito deste termo, Pais (1990) propõe que olhemos a juventude de maneira ampla, sugerindo dois eixos:

Como aparente *unidade* (quando referida a uma fase de vida) e como *diversidade* (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros). De facto, quando falamos de jovens das classes médias ou de jovens operários, de jovens rurais ou urbanos, de jovens estudantes ou trabalhadores, de jovens solteiros ou casados, estamos a falar de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude enquanto referida a uma *fase de vida* (p. 149).

Partindo do eixo da diversidade, é possível atribuir inúmeras maneiras de ser jovem, por isso, podemos abordar esse conceito na sua pluralidade, ou seja, entendendo-a como juventudes. Sendo assim, ser jovem varia e implica em ostentar diferentes comportamentos, condutas, características, que podem alterar, dependendo do lugar, do período histórico, entre outros aspectos. Todas essas questões estão vinculadas aos atributos culturais estabelecidos ao ser “jovem”.

A partir da perspectiva da juventude como produção cultural, podemos identificar algumas especificidades que constituem e demarcam o sujeito jovem como, por exemplo, “as gírias que usam, as roupas que vestem, os lugares que frequentam, como agem na

¹⁸ Os discursos das modificações corporais, principalmente as práticas iniciais do *body modification*, estão direcionadas aos jovens e, por isso, que escolhemos em problematizar essa temática com esses sujeitos. Embora esse discurso seja dirigido aos jovens, sabemos que outras pessoas que não estão naquilo que é socialmente definido de juventude também são interpelados por ele.

escola, na família e com os amigos, os produtos que consomem, que adereços põem em seus corpos...” (QUADRADO, 2008, p. 13).

Para a juventude, são oferecidas múltiplas opções para compor o seu jeito de ser, como, por exemplo, roupas coloridas ou pretas, maquiagens, chapéus, bolsas, cintos, pinturas, cabelos de todos os tamanhos e cores, piercings, tatuagens, dilatadores, escarificações, expressões e linguagem que identificam e demarcam o que é ser jovem em nossa sociedade. A partir da adesão ou não a essas marcas, podem ser criadas inúmeras maneiras de se constituir um sujeito que vivência a sua juventude.

É possível afirmar que esses indivíduos também se constroem, a partir dos seus desejos, vontades e anseios. Isso quer dizer que não basta o sujeito estar inserido num determinado contexto para adquirir as características daquele grupo, já que existem as diferenças e as escolhas individuais. É o que acontece com as modificações corporais. Mesmo estando direcionada à juventude, quando o corpo com algum tipo de alteração é bastante valorizado, há jovens que são interpelados por esse discurso e não aderem às práticas do *body modification*.

Ainda, segundo Pais (1990), quando se refere à juventude, a partir do eixo unidade, podemos relacioná-la a uma determinada faixa etária, que é uma característica importante, já que não é qualquer sujeito que é considerado jovem. Não concordamos com alguns discursos referentes à demarcação das idades, pelo fato deles serem estanques, ou seja, fixam um começo e um fim para uma pretensa fase. Quando trabalhamos com uma visão voltada para as fases fixas acabamos desconsiderando as diferenças individuais e as diversidades culturais. Mas essa demarcação etária não pode ser desconsiderada, mas vêm definindo os indivíduos jovens, não de maneira categórica.

Na fala dos participantes do Grupo Focal junto com as questões atribuídas à faixa etária, percebemos a presença do discurso sobre maturidade, já que, para eles, intervir sobre o corpo exige uma pretensa maturidade, ou seja, para esses sujeitos precisa se ter “consciência” sobre os possíveis problemas que a intervenção sobre a corporeidade pode vir a trazer, e essa maturidade/consciência só se adquire com o tempo, com o aumento da idade. Nesse sentido um aluno aponta que:

“A gente sempre tem uma convicção muito maior do que vai fazer aos 20 do que com 15 anos” (Natanael).

Além disso, os participantes associam a maturidade a duas perspectivas: a biológica e corporal; e a emocional ou relacionando-a à formação da personalidade. No que se refere à primeira, os participantes afirmaram:

“tem que ter noção que tu vais envelhecer com aquela tatuagem” (Brenda).

“tem que ter ideia de que o corpo vai crescer e que a tatuagem estica” (Natanael).

Na primeira fala percebemos que eles associam essas modificações à juventude, pois não é esperado que um sujeito velho tenha uma tatuagem. Na segunda, vinculada ainda a maturidade biológica, está presente a noção de desenvolvimento e envelhecimento do corpo, demarcando que o sujeito, ao fazer alguma modificação durante a juventude, corre o risco de que ela sofra alterações com as mudanças corporais decorrentes do envelhecimento.

Tomando a maturidade num sentido emocional, atribuindo a ela a noção de responsabilidade e de constituição de uma “personalidade” em formação, foram manifestas a seguintes falas:

“tanto o piercing quanto a tatuagem, no caso tu tens 13 anos e vê um monte de gente com tatu e piercing, sei lá, e bah tu quer fazer, tipo quando tu tens 13 anos tu não sabes o que é certo ou errado, bah tu tens 13 anos e tem a cabeça muito influenciada” (Kevin).

“Eu coloquei com 12 e eu sabia o que eu queria” (Joana).

“Mas é um piercing é diferente, e no umbigo tu podes botar uma camiseta que não vai aparecer” (Brenda).

“Mas a minha maturidade era a mesma, a maturidade que eu tinha para decidir que eu queria um piercing no umbigo que se depois eu tirar pode ficar uma cicatriz ou uma marca é a mesma maturidade que eu iria ter agora. E foi a mesma maturidade que eu tive para não colocar uma tatuagem, acho muito legal, mas não agora” (Joana).

“Mas será que todo mundo com 12 anos pensa assim?” (Kevin).

“Mas Joana é diferente tu ter uma cicatriz ou um buraco que um desenho” (Brenda).

“Uma criança não tem discernimento, eu vou fazer essa tatuagem, que legal essa tatuagem, ela não vai pensar vou lá cortar a minha pele, ela vai ficar marcada. Ela não pensa na tatuagem pensa em tudo ao redor” (Derick).

Diante dessa relação entre as modificações corporais e o discurso da maturidade surge a preocupação com a perenidade das marcas do *body modification*. Para eles, muitas vezes, o jovem não apresenta “maturidade” suficiente para decidir o que é certo ou errado, por isso, durante a juventude, eles não se percebem capazes de tomar decisões vinculadas às modificações corporais.

Hersey e Blanchard (1986, p. 180) definem maturidade como “a capacidade e a disposição das pessoas em assumir a responsabilidade de dirigir seu próprio comportamento”. É nesse sentido que a discussão se fundamentou, já que para alguns alunos um jovem não tem ainda responsabilidade sobre seus atos e, por isso, quando realizam determinadas ações estão sujeitos a se arrepender. Isso no caso das modificações corporais não pode acontecer, pois quem as faz fica com uma marca definitiva no corpo. Eles associaram o ato de realizá-las durante a juventude como um ato de imaturidade, pois neste período o corpo está em transformação e a modificação corporal realizada pode se alterar com o passar do tempo.

Após discutirmos algumas questões referentes à juventude, articuladas com as falas dos participantes, pretendemos aprofundar a análise dos discursos dos jovens sobre as modificações corporais, por considerar que, a partir dessas práticas e do que se fala sobre elas, os jovens também produzem suas subjetividades. Em função da variação de significados atribuídos pelos sujeitos às modificações corporais é que sentimos necessidade, para essa pesquisa, de dar voz aos indivíduos que não aderiram às práticas das práticas do *body modification*, buscando verificar o que eles pensam sobre essa maneira de intervir na corporeidade e quais discursos sustentam a não adesão a essas práticas.

IV) “Isso é uma mutilação ao corpo”

Para iniciar a discussão foi mostrado aos participantes imagens das práticas realizadas pelos adeptos do *body modification*. Apesar de eles serem do grupo dos jovens que não possuíam modificações corporais, demonstraram conhecimentos sobre todas as técnicas apontadas nas fotos da apresentação.

Algumas questões foram se destacando durante a discussão, uma delas foi sobre a aceitação do uso das tatuagens, dos piercings e dos dilatadores. Para os participantes do

Grupo Focal essas modificações são bonitas, mas devem ser realizadas “sem exageros”, caso contrário, são vistas como “mutilação”, “sem necessidade”.

“Um atentado contra o corpo. A hora que tu falou de implante sob a pele, ou aquela de ficar dependurado, ou de cortar a língua. Isso é uma mutilação ao corpo” (Derick);

Qualificar uma transformação corporal como mutilação é problematizado por Ortega (2006), identificando que

a mídia se apropria com frequência do discurso médico de automutilação e o dissemina na sociedade, apresentando-o como um problema social emocionalmente provocativo que faz surgir, entre os leitores, um sentimento misto de medo, repugnância e horror diante das descrições sensacionalistas de práticas de modificação corporal (p.51).

É através da disseminação desses julgamentos que algumas verdades¹⁹ são criadas e ditam o que os sujeitos devem considerar como certas ou erradas. Nesse sentido é interessante relacionar o processo de produção de verdades, que surgem de diferentes instâncias (mídia, escola, família etc.) sobre o corpo e a constituição de como deve ser sujeito jovem e, assim considerado normal é o que acontece com as práticas que não são tão aceitas socialmente.

Uma questão bastante relevante que emergiu nas falas dos participantes desta investigação foi a da empregabilidade. Essa preocupação com o emprego foi uma questão que nos surpreendeu, pois em nenhum momento suspeitávamos de que o ato de não se modificar seria atribuído a questão do emprego, do vir a ser um profissional. Isso se confirma quando um integrante do grupo coloca que:

“Geralmente as pessoas fazem tatuagem e nem pensam nas conseqüências disso, tem um amigo do meu padrasto ele fez uma tatuagem na perna e quando fizeram concurso para brigada ele não passou por que ele tinha uma modificação que iria aparecer com a farda” (Miguel)

Essa preocupação foi ressaltada em várias falas dos sujeitos desse grupo.

“Eu particularmente gosto muito de tatuagem no pé acho muito bonita, já enchi muito o saco para fazer e até me conformei, por que eu quero fazer concurso público e

¹⁹ Verdade sendo aquilo que nos é dado como salvação, ideal, padrão, sem serem questionadas, pois simplesmente aceitamos o que ela impõe. Fischer (2002, p. 56) problematiza essa concepção de verdades e sugere que pelo menos as colocamos em suspeitas, já que as representações que elas atribuem “habitam nosso próprio modo de pensar e existir”. Por isso aceitamos determinadas verdades de maneira tão natural.

acho que não é o momento para fazer, depois que eu conseguir um trabalho, um emprego fixo, aí eu acho que é o momento certo para fazer, mas agora não” (Samara)

“Eu tenho vontade de fazer uma tatuagem, mas eu penso muito nisso de emprego nessa situação colocada pela sociedade no caso, por que eu vou fazer essa tatuagem agora se eu sei que vou sofrer um preconceito muito grande” (Miguel)

“Eu queria fazer uma tatuagem, mas eu quero entrar para as forças armadas, lá não pode” (Marcos)

“Eu tenho vontade de fazer, mas sou que nem a Samara só vontade, vou fazer só quando estiver estabilidade, um emprego, passado num concurso, sei lá. Eu também não quero fazer num lugar muito exposto, o ideal é nas costas” (Natanael)

“É por isso que uma criança de 12 anos não pode fazer modificação corporal, por que ela não vai pensar na estabilidade dela” (Miguel)

“Eu quero fazer também, mas não agora primeiro por que minha mãe e nem meu pai não iriam deixar, e também quero deixar para depois que eu arrumar um emprego” (Emilly)

Para completar, questionamos os participantes se tinham interesse de realizar uma modificação corporal relacionada ao *body modification* e a maioria disse que sim. Apenas dois meninos e uma menina alegaram que não tinham pretensão em ter uma tatuagem ou piercing e que nunca havia pensado no assunto. Mesmo havendo um número significativo de estratégias discursivas que associam o ser jovem à realização de uma modificação corporal relacionada ao *body modification*, existem alguns indivíduos que não são interpelados por este discurso e que se produzem jovens de outras maneiras e se vinculando a outros atributos.

V) Finalizando...

Ao realizar o grupo focal com esses jovens percebemos que a maioria deles foram interpelados pelo discurso das modificações corporais e muitos deles manifestaram interesse em ter uma modificação. No entanto, alguns fatores, para esses sujeitos, são determinantes para não realizar as modificações corporais durante a juventude, entre elas está a preocupação com o emprego, o vir-a-ser profissional. A partir disso, percebemos que eles foram envolvidos por algumas “verdades” que estão associadas às práticas do *body modification*, entre elas está a ideia de que ao possuírem poderão ser preterido quando forem buscar um “bom emprego”.

O ato de realizar as modificações corporais, especificamente as abordadas nessa pesquisa, para os participantes do grupo, está vinculado à questão da maturidade, o que, para eles, os jovens ainda não possuem. Além disso, devido a questão da empregabilidade, os participantes afirmaram que realizar uma dessas práticas durante a juventude pode acarretar problemas no futuro e como eles alegam que o jovem é imaturo não pensará nessas conseqüências.

Outro aspecto que emergiu na discussão é a que estabelece a necessidade de atribuir algum significado às modificações corporais desejadas. Ou seja, para os participantes do Grupo Focal não se deve fazer uma alteração corporal sem ter um motivo ou demarcar um acontecimento. Nesse sentido, Le Breton (2003, p. 39) aponta que o corpo com uma modificação “é memória de um acontecimento forte (...), da qual o indivíduo pretende conservar uma lembrança”. No grupo, essa relação foi especialmente associada à tatuagem, especificamente pela irreversibilidade que caracteriza esta prática e, por isso, deve-se atribuir a ela algum tipo de significado e que tenha marcado a vida do sujeito, como por exemplo, uma homenagem a alguém.

Além disso, o uso dos piercings e dos dilatadores foi vinculado diretamente ao embelezamento e não à noção de ousadia ou de coragem. Por isso, podem ser colocados sem “pensar”, pois se precisar eles podem ser retirados. Outro aspecto pontuado pelo grupo para justificar a adesão às práticas do *body modification* é sustentado no discurso de “ser diferente”. Para eles, algumas pessoas sentem a necessidade de serem únicos na sociedade e investem nessas modificações para obter esse objetivo.

Diante das discussões levantadas durante o Grupo Focal, percebemos que os sujeitos que participaram dessa pesquisa, mesmo não aderindo às práticas do *body modification*, foram atravessados pelo discurso das modificações corporais e independente dos motivos que os levam a não aderirem a esta prática, a maioria demonstrou interesse em realizá-las.

No entanto, os participantes desta investigação, alegaram que não pretendem fazer uma modificação corporal durante a juventude, pois esse é um momento definido pela

imaturidade. Segundo eles, não se deve tomar decisões importantes na juventude, pois elas refletiriam no futuro, principalmente no que diz respeito à empregabilidade.

VI) Referências:

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Ed Guanabara, 1986.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Tradução Ingrid Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COUTINHO, Fernanda. PORTINARI Denise. *A roupa faz o homem: a moda como questão*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGÊNIO, Fernanda (Org.). *Culturas Jovens - novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

EWALD, François. *Foucault A Norma e o Direito*. Trad: António Cascais. Lisboa: Veiga, 1993.

FISCHER, Rosa. Verdades em suspenso: *Foucault e os perigos a enfrentar*. In: Caminhos investigativos II outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A. 2002.

FOUCAULT, Michel. *Os Anormais: collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, coleção tópicos, 2001.

HERSEY, Paul.; BLANCHARD, Hambleton.. *Psicologia para administradores: a teoria e as técnicas da liderança situacional*. Trad. Edwino A. Royer. São Paulo, Editora Pedagógica Ed: Universitária, 1986.

LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo*. Antropologia e Sociedade. São Paulo: Papirus. 2003.

LOURO, Guacira. *Corpos que escapam*. In: Estudos Feministas. Brasília, nº 4 ago - dez, 2003.

_____. *Um corpo estranho ensaios sobre sexualidade e a teoria queer*. Belo Horizonte: Ed Autêntica, 2004.

MINAYO, Maria de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucidec, 2006.

ORTEGA, Francisco. *Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGÊNIO, Fernanda (Org.). *Culturas Jovens - novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PAIS, José Machado. *A construção sociológica da juventude – alguns contributos*. *Análise Social*, 105/106, 139-165. Lisboa/ Pt: 1990.

PIRES, Beatriz. *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem*. São Paulo: Senac. 2005.

QUADRADO, Raquel. *A adolescência como construção sociocultural e histórica*. In: RIBEIRO, Paula e QUADRADO, Raquel (org). *Corpo, gênero e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar*. 2.ed: Rio Grande: FURG, 2008.

SANTIN, Silvino. *Educação Física: temas pedagógicos*. Porto Alegre: EST/ESEF, 1992.

SIBILIA, Paula. *O corpo modelado como imagem: o sacrifício da carne pela pureza digital*. In: RIBEIRO, Paula (org). *Corpo, gênero e sexualidade: composição e desafios para a formação docente*. Rio Grande: FURG, 2009.

SILVA, Rosimeri e SOARES, Rosângela. *Juventude, Escola e Mídia*. In: FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana e LOURO, Guacira. *Corpo, Gênero e Sexualidade um debate contemporâneo na educação*: Petrópolis, Ed vozes, 2003.

URBIM, G. & GRASSETTI, B. *Navalhas na Carne*. In: *Revista Superinteressante*. São Paulo: abr -mai, 2005, p. 68-71.

4.2. ARTIGO 2

DISCUTINDO AS PRÁTICAS DO BODY MODIFICATION E AS PRODUÇÕES DAS IDENTIDADES.

RESUMO: No presente artigo problematizamos a constituição das identidades dos sujeitos jovens que investem nas práticas *body modification*, essas que são as tatuagens, os piercings e os dilatadores de orelha e, assim, constroem seu jeito de ser. Delimitamos nossa pesquisa no espaço escolar, especificamente, numa escola de ensino médio, denominada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), localizada na cidade do Rio Grande/RS, que tem como principal finalidade/característica a formação dos alunos para o mercado de trabalho. Sendo assim, o objetivo principal da nossa pesquisa foi buscar saber o que esses jovens dizem sobre as modificações corporais e quais os discursos que produzem a respeito desse assunto. Todos os sujeitos que participaram desse momento da pesquisa possuíam algum das modificações corporal citadas. Para realizar a coleta de dados, utilizamos o Grupo Focal, que visa dar voz aos sujeitos sem ter a pretensão de julgá-las, ou seja, não busca respostas certas ou erradas, tendo como função proporcionar a discussão entre os participantes selecionados para compor o grupo. As principais considerações que surgiram durante a análise dos dados foram: os sujeitos que participaram da pesquisa estão produzindo suas identidades através das práticas do *body modification*, em dois sentidos, primeiro com o intuito de serem diferente e, em segundo, quando as realizam em lugares específicos, já almejando sua identidade enquanto futuros profissionais. Outras questões que surgiram estão vinculadas ao jogo de poder entre os jovens e os pais, bem como a preocupação com o arrependimento de realizarem uma modificação corporal, pois eles ressaltam o caráter de irreversibilidade atrelado a essas práticas.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, *body modification*, identidade

ABSTRACT: In this article we question the constitution of the identities of young people who invest in body modification practices, ones that are the tattoos, piercings and ear expanders and thus build their way of being. We defined our research at school, specifically, a high school called the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Sul (IFRS), whose main purpose / character training of students for the labor market. Thus, the main goal of our research was to get to know what these young people say about body changes and what they produce discourses on this subject. All subjects who participated in this time of the survey had some of the changes mentioned body. To perform data collection, use the Focus Group, which seeks to give voice to the subject without pretending to judge them, ie not search right or wrong answers, since their function to provide a discussion among the participants selected to compose the group. The main considerations that arose during data analysis were: the subjects who participated in the survey are producing their identities through the practices of body modification, in two senses, first with the intention of being different and, second, when they do in places specific, since targeting its identity as future professionals. Other issues that emerged are linked to the power game among young people and parents, as well as the

concern with repentance to hold a body modification, as they emphasize the character of irreversibility coupled to these practices.

KEYWORDS: Body, body modification, identity

I) Começado a discussão:

A relação do indivíduo com seu corpo ocorre sob a égide do domínio de si. O homem contemporâneo é convidado a construir seu corpo, conservar a forma, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou a fragilidade, manter sua “saúde potencial”. O corpo é hoje um motivo de apresentação de si

(LE BRETON, 2003).

É através do nosso corpo que estamos em contato com o “mundo” que nos cerca. Podemos dizer que essa relação sujeito-sociedade implica na constituição e na formação de nossas identidades. Nesse sentido, é possível apontar que somos sujeitos que estamos sempre em construção e isso também se aplica à produção da aparência, como coloca Le Breton (2003). Assim, podemos afirmar que nosso jeito de ser está diretamente ligado ao lugar em que estamos inseridos e ao corpo que buscamos produzir. O que não significa que todos os sujeitos se constituam igualmente, já que é possível fazer escolhas, pois há múltiplas possibilidades e a escolha por uma e a recusa por outras vai depender dos nossos desejos e vontades. Desse modo, é razoável apontar que nesse processo permanente de escolhas estamos construindo as nossas identidades. Para elucidar, recorreremos a Bauman (2005, p. 35), quando afirma que na modernidade “as identidades ganham livre recurso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno vôo, usando os seus próprios recursos e ferramentas”.

É com o desejo de construir as identidades que pretendemos relacionar a vontade de adquirir determinadas modificações corporais, problematizando a constituição das identidades dos jovens durante o processo de escolarização. Stuart Hall (2000) aponta que buscamos, na sociedade, “coisas” com as quais nos associamos que ajudam a formar nossas identidades. Porém, essa busca é um processo que está sempre em movimento, o autor:

vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre “em processo”. Ela não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre, “ganhá-la” ou “perdê-la”; no sentido de que ela pode ser sempre sustentada ou abandonada (2000, p.106).

Nessa concepção, as identidades são formadas conforme os desejos dos sujeitos e, para adquirir determinados jeitos de ser, precisam recusar outros, ou seja, “se fecha a porta para outras possibilidades” (BAUMAN, 2005, p. 35) é um movimento de escolhas. Para esse autor, na contemporaneidade, há inúmeros recursos para constituirmos nossas identidades, como exemplo, podemos citar o uso ou a recusa de determinadas maquiagens e cabelos ou ainda a opção de assumir ou não uma identidade *punk*, *emo* ou de patricinha etc. É nesse sentido que buscamos problematizar a construção das identidades dos sujeitos, as quais serão articuladas com as possibilidades vinculadas às modificações corporais associadas ao *body modification*.

Com isso, é possível apontar que, nos últimos tempos, na sociedade ocidental, as modificações corporais²⁰ vêm ganhando espaço entre os jovens. Isso é percebido, pois, facilmente, encontramos garotos e garotas aderindo ao uso de tatuagens, piercings e dilatadores de orelha, que são consideradas práticas populares do *body modification*²¹. Esse termo remete às modificações corporais feitas voluntariamente e que, na maioria das vezes, são irreversíveis. Todos esses termos serão analisados, posteriormente, no tópico sobre modificação corporal, vinculada às práticas do *body modification*.

Para problematizarmos as questões referentes à corporeidade, às modificações corporais e às identidades, utilizamos como caminho metodológico o Grupo Focal, que foi escolhido por não ter a pretensão de direcionar ou avaliar as respostas dos participantes, sendo caracterizado por proporcionar uma discussão aberta entre os participantes. O Grupo Focal tem a intenção de propiciar ao pesquisador, conforme GATTI (2005, p. 11), “o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagem e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham algum traço em comum”.

A autora fala da importância de haver algum tipo de “homogeneidade” entre os participantes, sendo necessária para que haja discussão no decorrer do encontro. A

²⁰ Estamos utilizando o termo modificação corporais referindo as possíveis maneiras de intervenções ao corpo. Mas, para esse artigo enfocaremos nossa discussão, as práticas relacionadas ao *body modification*, essa expressão que será usada como sinônimo de modificações corporais.

²¹ Termo que engloba práticas de intervenção corporal relacionada aos piercings, tatuagens, dilatadores de orelha, escarificações etc.

homogeneidade diz respeito ao fato de que todos os sujeitos convidados a participar do grupo precisam apresentar alguma característica em comum entre si, ou ainda, alguma vinculação com a temática proposta. Para completar, a autora indica que os sujeitos devem ser selecionados com alguma intencionalidade, ou seja, as pessoas escolhidas são convidadas a participar do grupo, pois de certa maneira possuem alguma ligação com o assunto.

Para constituir esse grupo foram convidados sujeitos estudantes de uma escola de ensino médio denominada, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - campus Rio Grande/RS. O traço em comum (homogeneidade) entre os jovens e que os ligava à temática investigada era que todos participantes possuíam alguma das práticas do *body modification* citadas anteriormente. O Grupo Focal que deu suporte para criação desse artigo foi constituído por duas meninas e dois meninos, com idades entre quinze e dezessete anos.

Delimitamos nosso *locus* de análise no espaço da escola por ser um lugar que abriga uma diversidade de sujeitos e possibilita diferentes problematizações. Inclusive é importante apontar que a escola em que fizemos as discussões é focada na formação profissional para o mercado de trabalho. Isso está demarcado na proposta político-pedagógica dessa instituição, no tópico “finalidade e características”, quando afirma que ela visa:

Ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional (Projeto Político Pedagógico).

Diante das questões que pretendemos discutir – a construção de identidades e as modificações corporais –, temos conhecimento que há várias maneiras de intervir sobre a corporeidade²², mas para esse texto enfocaremos apenas as práticas do *body modification*.

²² Essa intervenção sobre a corporeidade pode ser de diferentes maneiras: primeiro, as práticas que visam constituir o corpo tendo como suporte o padrão considerado ideal pela sociedade, tais como ser bonito, magro, jovem etc.; em segundo, os sujeitos que buscam romper com esse padrão de corpo, neste grupo podem ser considerados os *Punks*, os *hippes* e ainda os adeptos do *body modification*. E também há um terceiro grupo, os quais os indivíduos visam modificar seus corpos com o intuito de torná-lo o mais perto da ideia que se tem de “corpo original”. Essas maneiras de intervir sobre a corporeidade serão mais explicadas ao longo do texto.

Sendo assim, nesse artigo²³, problematizaremos o que os jovens com modificações corporais relacionadas ao *body modification* dizem sobre elas e se há algum tipo de posicionamento da instituição escolar sobre as práticas realizadas pelos alunos em seus corpos.

A discussão que se dará, a seguir, foi organizada em três partes. A primeira indica o caminho metodológico utilizado para realizar essa pesquisa e a caracterização dos sujeitos que participaram desse encontro. A segunda parte trata e discute as questões referentes às modificações corporais, principalmente, as práticas do *body modification* e, também, nesse momento discutiremos a constituição das identidades dos sujeitos jovens. Por fim, será feita a análise dos dados coletados durante o Grupo Focal, em que apontaremos algumas questões que ao “nosso olhar” mereceram aprofundamento.

II) Caminhos investigativos:

Optamos pelo Grupo Focal por acreditarmos ser a modalidade de pesquisa mais adequada para realizarmos a coleta dos dados, pois intencionamos encontrá-los através das discussões produzidas nos encontros. Essa metodologia se caracteriza como um grupo de discussões, em que os participantes não são incentivados a responder perguntas, pois não visa entrevistar os sujeitos. Eles são incentivados a debater a temática abordada e, para isso, tenta-se criar um espaço de discussão em que os indivíduos se sintam a vontade para dizer o que pensam sobre o assunto, sem terem suas falas julgadas. Isso já é apontado durante a explicação feita para os participantes do que é o Grupo Focal, destacando que todos os posicionamentos são considerados importantes, não havendo avaliação se as falas são erradas ou certas.

Nesse sentido, Gatti (2005, p. 9) descreve que o Grupo Focal tem a função de “permitir emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados”. Assim, pretendemos, com essa metodologia, problematizar com os jovens participantes o que eles pensam sobre as modificações corporais.

²³ Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado de Alessandra Amaral da Silveira, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (Associação ampla FURG/UFSC/UFGRS).

Para o desenvolvimento dessa metodológica, segundo Gatti (2005), algumas condições precisam ser consideradas: a primeira delas é a presença do moderador que tem como tarefa introduzir o assunto, não deixando que a discussão se desvie da temática proposta. O moderador deve ainda sugerir algumas questões, para isso, precisa criar, anteriormente à realização do grupo, um roteiro, que tem a função de nortear as discussões e introduzir o assunto.

A segunda condição para a realização do Grupo Focal é a presença do relator, que tem a função de fazer anotações do que os participantes problematizam em suas falas. Por fim, para um melhor registro dos dados, deve-se fazer a gravação do debate realizado, que pode ser de áudio ou através de filmagem. Optamos pela última possibilidade, por acreditarmos que através da filmagem é possível melhor transcrever e analisar os dados coletados.

Especificamente, com relação a esta investigação, escolhemos o IFRS como a instituição escolar para a realização do Grupo Focal, por duas questões: a primeira foi por sabermos de antemão que nesse espaço havia jovens com modificações corporais e, a segunda, foi pela acessibilidade, pois conseguimos, através do professor de educação física da instituição, a liberação e as condições favoráveis para a efetivação do Grupo Focal. E nenhum momento optamos por essa escola, pelo fato dela focar no ensino técnico, e sim por causa de haver jovens com modificações corporais, as quais estamos discutindo e pela facilidade de contato com esses alunos.

Participaram do grupo duas meninas e dois meninos, todos eles com alguma das modificações corporais relacionadas às práticas do body modification, como, por exemplo, tatuagens, piercings e dilatadores. O grupo de discussão foi constituído por jovens com idades entre quinze e dezessete anos, que frequentam o 1º e o 2º anos do ensino médio dessa escola.

No que se refere às modificações corporais, os meninos do grupo se mostraram mais adeptos às tatuagens. Marcel²⁴, aluno do segundo ano, possuía duas tatuagens, uma localizada no pulso e outra na perna; e Jordani, aluno do primeiro ano, possui três tatuagens, uma no braço e duas na perna. Já as meninas possuíam piercings e dilatadores.

²⁴ Os nomes não são verdadeiros e foram substituídos por nomes fictícios para preservá-los.

Yasmin, aluna do primeiro ano, apresentava sete piercings: seis localizados em ambas orelhas e um no nariz, e Natalia, também aluna do primeiro ano, apresentava duas modificações, um piercing na sobrancelha e um dilatador na orelha. Essa aluna relatou que possuiu um piercing no lábio inferior, mas o retirou.

Para iniciar a discussão, foi feita uma apresentação para os participantes do grupo, com imagens das principais práticas realizadas pelos adeptos do *body modification*, sem nenhum tipo de comentário ou descrição escrita ou oral, apenas com fotos. As imagens utilizadas durante os encontros do Grupo Focal serão utilizadas nesse artigo, ilustrando as práticas relacionadas às modificações corporais. Esse recurso foi utilizado com o intuito de introduzir o assunto no grupo, tornando os alunos familiarizados com a discussão proposta.

Durante esse momento e também na transcrição dos dados algumas questões tiveram destaque e possibilitaram a consolidação dessa pesquisa. Para problematizá-las, no tópico a seguir, buscaremos analisar as modificações e as relações com a produção das identidades juvenis²⁵, já que nossa discussão estará focalizada nessas duas temáticas, ou seja, as práticas do *body modification* e a construção das identidades.

III) “Acho que a pessoa não se sente bem com seu corpo, sei lá”

*Cada indivíduo torna-se, o gestor de seu próprio corpo
(COURTINE, 1995)*

Para iniciarmos essa análise é importante enfocar que o corpo, em nossa sociedade, é considerado uma matéria que pode ser alterada, manipulada e este processo de criação corpórea pode ser aglutinado em três grupos diferentes: o primeiro é daqueles indivíduos que são interpelados pelo discurso da retomada do corpo “natural”, em que o sujeito busca modificar seu corpo para que ele fique o mais próximo da sua “versão original”, e para isso não investe nos recursos vistos como “artificiais”, como por exemplo, o consumo de suplementos alimentares, nas atividades musculares (malhação) etc. Esses sujeitos visam uma alimentação tida como “natural”, normalmente, denominada de orgânica, eles realizam

²⁵ As identidades juvenis estão relacionadas a diversidades de signos que são produzidos para determinados sujeitos tidos como jovens (MARGULIS e URRESTI, 1998), eles são atravessados por inúmeras formas de ser jovem, como por exemplo, o vestuário, a música, os acessórios etc.

práticas corporais consideradas “naturais”, enfocando em ginástica, baseada em imitar os gestos e os movimentos dos animais, a Yoga, ou seja, valorizam as atividades feitas em espaços naturais, ao ar livre, praças e praias (MALYSESSES, 2007, p. 106).

O segundo grupo se refere àqueles indivíduos que buscam a construção dos corpos, com o objetivo de modificar o desenvolvimento orgânico do mesmo, aproximando-o ao que é socialmente desejável. Para estes, o corpo “original” é cheio de limitações e defeitos, portanto, distante do corpo socialmente esperado. Para conseguir essa corporeidade “idealizada”, os indivíduos investem em cirurgias plásticas, dietas alimentares, no uso de medicamentos e na realização de atividades corporais que produzem, por exemplo, corpos “malhados/sarados”.

O terceiro grupo é constituído por indivíduos que visam romper com essa padronização idealizada socialmente, buscando outras formas de constituição corporal, diferenciada das acima citadas. Para isso, investem em acessórios, roupas, maquiagens e “tipos” de cabelo, que buscam desestabilizar esse corpo tido como desejável. Para exemplificar, podemos nos remeter aos *Punks*, aos *Hippes* etc. Dentro desse mesmo grupo, podemos citar os adeptos do *body modification*.

Mesmo sabendo da existência de outras maneiras de se relacionar com o próprio corpo, podemos dizer que estas práticas de modificações corporais produzem, entre outros efeitos, a identidade dos sujeitos. No entanto, para essa escrita, problematizaremos as identidades associadas às práticas do *body modification*. Essa prática é conceituada por Pires (2005) como o uso de técnicas que possibilitam ao indivíduo adquirir características não similares às inatas, aplicadas ao corpo por meio de perfurações, cortes, queimaduras e cirurgias.

Várias técnicas caracterizam e constituem o *body modification*²⁶ e são classificadas, conforme suas formas de intervenção sobre o corpo, apontadas por Urbin e Grassetti (2005), como:

a) as populares e conhecidas: entre estas práticas, temos as **tatuagens (fig. 1 e 2)**²⁷, que são aplicações subcutâneas realizadas através da introdução de pigmentos por meio de agulhas;

²⁶ Todas as imagens que ilustram as práticas do *body modification*, foram utilizadas na apresentação em powerpoint mostrada durante a realização do grupo focal.

os **piercings** (fig. 3 e 4), que se caracterizam por perfurações de diversas partes do corpo, com a intenção de introduzir peças de metal; as **escarificações** (fig. 5), que são feitas pela fabricação de cicatrizes, com intenções espirituais - como é comum em tribos africanas - ou para embelezamento; e os **alargadores** (fig. 6), que são pinos de aço inox, madeira ou pedra, que são usados para alargar o lóbulo da orelha ou de outras partes do corpo;



b) as radicais e menos conhecidas: entre elas podemos citar o **branding** (fig. 7), que é a aplicação de metal aquecido na pele, deixando uma queimadura que eventualmente se transforma em uma cicatriz; o **tong split** (fig. 8)- a bifurcação da língua é um procedimento cirúrgico que divide parte da língua em duas, dando a aparência de uma língua de lagarto ou cobra, e com o tempo, é possível mexer as duas partes individualmente; o **implante subcutâneo** (fig. 9), que consiste em inserir objetos, que podem ser de vários materiais - silicone, plástico, osso, metal - e formatos, sob a pele, criando um relevo; **pocketing** (fig. 10), que é considerado uma anti-perfuração, em que parte do material utilizado fica sob a pele e outra – podendo uma barra ou uma fita – fica exposta; e, por fim, a **suspensão corporal** (fig. 11), que consiste em pendurar uma pessoa com ganchos, inseridos como piercings temporários, e suspê-los num período de 20 a 30 minutos, deixando-os pendurados pela pele. Para seus adeptos a suspensão não é considerada como uma modificação corporal, e sim um esporte radical.



²⁷ Para melhor visualização as imagens, nesse momento, foram colocados no corpo do texto. Com a submissão desse artigo para revista Currículo sem Fronteiras, as fotos estaram em anexo, pois são as normas da revista.

No sentido de analisar as práticas do *body modification*, Ortega (2006) afirma que elas são vistas com *mainstream*²⁸ ou *nonmainstream* pela sociedade, demarcando quando ação é socialmente aceita ou não e essa aceitabilidade acontece quando são apropriadas por um grande número de indivíduos. Nessa perspectiva, os piercings, as tatuagens e os dilatadores já se tornaram *mainstream*, pois essas práticas são aceitas e até mesmo cobiçadas. O que não é o caso das práticas apontadas, por Urbin e Grasseti (2005), como radicais, pois em muitos contextos elas são vistas de maneira negativa, “desnecessárias” e julgadas como indesejáveis.

Nessa direção, apresentamos algumas colocações que surgiram durante as discussões do Grupo Focal, em que os participantes, mesmo tendo modificações corporais, confirmam a análise de que determinadas práticas são mais aceitas do que outras. Para os sujeitos da pesquisa, as modificações corporais como os piercings, as tatuagens e os dilatadores são mais aceitas e desejadas do que as consideradas radicais. Confirmando esta análise, os participantes do grupo emitiram as seguintes opiniões:

*“Depende da modificação. O piercing e a tatuagem eu particularmente acho legal. O alargador dependendo do lugar é legal, mas eu já não acho legal para mim. Passando disso eu já acho um pouco de mais. O implante eu já acho de mais. Aquela coisa de botar os filzinhos (pocketing) para mim já é passado. Mas a tatuagem com certeza é uma coisa muito legal” (Marcel)*²⁹.

“Piercing, tatuagem, dilatador tudo bem, mas essas outras coisas já é de mais” (Jordani).

Nessas falas percebemos uma certa vinculação ao que Ortega (2006, p. 50) vem problematizando, quando aponta que há modificações tidas como comuns e, conseqüentemente, mais aceitas socialmente do que outras. Isso, conforme o autor acontece, por quê “determinadas práticas são incorporadas na sociedade de consumo, virando artigos cosméticos ou ornamentais”. Mas não devemos desconsiderar que determinadas práticas já estão consolidadas pelos sujeitos mesmo antes de terem sido

²⁸ Não possui uma tradução literal para esta expressão, mas podemos entendê-la, nesse contexto, como a integração, a aceitação de alguma coisa ou de alguém ao grupo dominante. Nesse caso, refere-se à aceitação das práticas identificadas aqui, como as mais populares do *body modification*.

²⁹ A partir desse momento todas as frases que estão em itálico e entre aspas são as falas dos participantes do grupo.

capturados pelo mercado do consumo³⁰, ou seja, elas já estavam legitimadas e o mercado, ao perceber este movimento emergente, se apropria dele, investindo na sua mercantilização e tornando-o mais aceitável.

Nesse sentido, as modificações corporais podem ser consideradas práticas bastante propícias para construir as identidades dos sujeitos, já que elas possibilitam afastarem-se ou se aproximarem daqueles atributos sociais que os localizam no mundo e definem um modo de ser e estar na sociedade. “Os investimentos na imagem corporal contribuem para a construção da identidade dos jovens, confere-lhes uma expressão simbólica de poder, uma vez que diferenciam entre si através de atributos distintos” (PAIS, 2006, p. 19).

Diante da problemática que nos propusemos a abordar, recorremos às palavras de Silva (2000), para apontar o que estamos compreendendo sobre identidade. O autor (ib, p. 6) afirma que a “identidade é um significado – cultural e socialmente atribuído”. Assim, entendemos que identidade é um conceito que não tem uma única definição, pois está diretamente relacionada a questões culturais e está de acordo com determinados contextos. Portanto, “a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada” (ib, p. 8).

Para tanto, é preciso considerar que nossa sociedade é atravessada pela diferença, atribuindo a ela uma relação de dependência com a identidade. Ambas são abordadas por Silva (2000) como inseparáveis, pois a identidade é constituída a partir da existência de outras, as quais nos diferenciaram ou ainda as recusamos como, por exemplo, "ser isto" significa "não ser isto" (SILVA, 2000, p. 2). Nesse sentido, o autor afirma que:

a identidade e a diferença não são entidades preexistentes, que estão aí desde sempre ou que passaram a estar aí a partir de algum momento fundador, elas não são elementos passivos da cultura, mas têm que ser constantemente criadas e recriadas. A identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição (ib, p. 7).

Além disso, temos que considerar que as identidades não são fixas, prontas e acabadas (WOODWARD, 2000), o que possibilita que as pessoas estejam sempre em busca

³⁰ Foi o que aconteceu com as práticas do *hip-hop*, do *surf*, e é o que pode estar acontecendo com as práticas do *body modification*

de outras maneiras de constituí-las. No caso do *body modification*, podemos considerar que os sujeitos investem nestas práticas com o intuito de construir suas identidades baseadas no enaltecimento ou não da “diferença”. Para tanto, buscamos a fala da participante do grupo, Natalia:

“Eu faço para ser diferente, mas tatuagem, piercing e alargador quase todo mundo tem. Então, não tem como ser tão diferente assim” (Natalia).

Através da colocação da participante é possível levantar uma discussão bastante pertinente para essa análise. Ela demonstra que esse “diferente” é caracterizado como temporário, pois quando um número significativo de pessoas adere a essas práticas tidas momentaneamente como diferentes elas perdem esse caráter e, muitas vezes, os sujeitos buscam outras maneiras de se diferenciarem dos demais, entendendo que condição está sempre em movimento.

Ortega (2006) problematiza essa transitoriedade associada a determinadas práticas, quando as mesmas são assumidas por uma parte significativa da sociedade, produzindo “novas” práticas, ainda não capturadas pela sociedade. Essa transitoriedade nas práticas de modificação corporal é o efeito de uma necessidade inventada de aderir a artefatos tidos como exclusivos, para confirmar o desejo da diferença.

Diante disso, percebemos a vontade destes jovens em construir suas identidades enfocando-se na diferença. Eles buscam produzir seus corpos com o intuito de serem diferentes diante da uniformização em que estamos inseridos. De acordo com Woodward (2000, p. 11), “a marcação da diferença é crucial no processo de construção das posições dos sujeitos”, ou seja, é através do desejo de querer ser diferente que, principalmente, os jovens investem em outros jeitos de construir sua corporeidade e, assim, apresentarem outros estilos de ser e agir. Segundo Hall, a construção das identidades é algo que está vinculado ao fato do que “se pretende ser”, ou seja,

tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (2000, p. 108-109).

Nesse sentido, buscamos nossas posições de sujeito através da construção das identidades, mas para isso necessitamos abdicar e/ou aceitar as múltiplas possibilidades que

encontramos na sociedade e nessa miríade de possibilidades é que os sujeitos encontram inúmeras maneiras de construírem as suas identidades. No entanto, é preciso considerar que as identidades não são singulares, ou seja, não são únicas, fazendo com que elas estejam em constante processo de construção. De acordo com Hall (2000, p. 108), as identidades são “multiplicamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”.

Para darmos seqüência a esta análise, gostaríamos de destacar que existem espaços privilegiados para a constituição de identidades, entre estes espaços está a escola, pois é uma instituição em que a diversidade de possibilidades e de relações é bastante presente, permitindo uma constante troca de experiências. Hall (2000) aponta que as identidades podem ser produzidas e intercambiadas entre os membros de uma cultura, nesse caso, a escolar. Isso se dá, por que “a escola é um espaço de relações sociais e não somente como espaço cognitivo” (SILVA e SOARES 2003, p. 90), ou seja, é um lugar privilegiado, principalmente, no processo das relações. Sendo assim, a instituição escolar é marcada pela amplificação das possibilidades de produção das identidades, já que há uma gama de diferentes sujeitos que transitam por seus espaços.

Para contextualizar esta investigação, aproximando-a da análise sobre a produção das identidades a partir das modificações corporais realizadas por jovens que transitam pela escola, a instituição em que realizamos a pesquisa possui um elemento importante para esta análise. Por se constituir em um estabelecimento de educação tecnológica e profissionalizante, o IFRS é um espaço destinado a trabalhar com os saberes relacionados especificamente à formação profissional e à inserção dos alunos no mercado de trabalho. Essa determinação em formar alunos capazes para o mercado de trabalho fica demarcada já nos objetivos da instituição, que busca:

ministrar cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores, objetivando a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de profissionais, em todos os níveis de escolaridade, nas áreas da educação profissional e tecnológica; (Projeto Político Pedagógico).

A ação de tornar os sujeitos responsáveis e preparados para o mercado de trabalho é uma condição que transita diretamente pela disciplina, que é caracterizada por Foucault

(2008b), como sendo os “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (ib, p. 118). Corpos dóceis e úteis é um efeito da disciplina, esse investimento acaba sendo favorável, também, para o mundo do trabalho.

Diante de toda a discussão apontada até esse momento, percebemos que os sujeitos podem constituir suas identidades, a partir de múltiplas possibilidades, encontradas na sociedade, porém umas são mais aceitas que outras. Mas devemos considerar que as práticas do *body modification* também são uma das maneiras de produção dos sujeitos, os quais procuram intervir na corporeidade com o intuito de romper com o padrão de corpo incentivado pela sociedade, ou seja, magro, malhado, belo, jovem etc. E assim vem demarcando qual a melhor aparência que deve ser seguida nos dias de hoje. Podemos dizer ainda, que as pessoas que optam pelas modificações corporais buscam constituírem suas identidades atribuindo a ela o fator da diferença.

Com essa intenção de romper padrões há determinadas instituições que tentam capturar os sujeitos, investindo na disciplinarização dos sujeitos (FOUCAULT, 2008b). Isso foi bastante demarcado durante a investigação realizada para essa pesquisa, por isso a seguir iremos problematizar essa necessidade de se produzir indivíduos úteis para a sociedade, ditando também qual a ideal aparência que um profissional deve apresentar para poder ingressar no mercado de trabalho.

IV) “Ninguém vai procurar emprego de bermuda”

O grupo que participou desta pesquisa foi demarcado como os modificados e durante a apresentação que deu início ao debate desenvolvido no Grupo Focal, mostraram-se bastante incomodados com as modificações classificadas por Urbin e Grasset (2005) como radicais, principalmente, as meninas. Embora possuindo algumas das práticas apresentadas, em determinado momento, os participantes do grupo demonstraram espanto sobre as modificações radicais, produzindo, inclusive, julgando negativamente tais práticas, assumindo a mesma postura que eles criticam daquelas pessoas que condenam as práticas que eles aderiram. Essa incomodação por parte dos alunos demonstra o mesmo movimento apresentado pela sociedade que valora negativamente as modificações corporais, ou seja,

aquilo que eles denunciam e questionam os sujeitos que participaram da pesquisa acabam fazendo com as práticas radicais.

Essa negatividade social às práticas do *body modification* foi justificada pelos participantes do Grupo Focal, através da preocupação com o futuro. A partir dos relatos, as modificações que eles realizaram em seus corpos foram feitas em lugares que atendessem essa preocupação com o futuro profissional, ou seja, os participantes relataram que fizeram a tatuagem, por exemplo, mas a colocaram num lugar escondido, como no peito, na perna, nas costas, com o objetivo de não terem problemas quando forem procurar emprego.

Nesse momento percebemos atuando o investimento das instituições escolares no processo de “disciplinarização dos sujeitos” (FOUCAULT, 2008b), já que através dela pode se impor valores e condutas para tornar os indivíduos dóceis e produtivos. Mesmo não sendo foco de análise desse artigo - a questão sobre a disciplinarização dos corpos e como a escola investe nela - é interessante citá-la, por que durante as discussões percebemos essa estratégia sendo operada nas falas e nas ações dos alunos. Ou seja, o fato de escolher determinados lugares, no corpo, para realizar as modificações corporais é um reflexo desse processo de disciplinarização, pois tem a preocupação de direcionar esses jovens para o mercado de trabalho. Tornando os corpos úteis e dóceis, sendo essa função da disciplina, nesse sentido os alunos foram atravessados pelos efeitos ruins que as modificações podem gerar ao serem colocadas “em qualquer lugar”. A partir disso, eles afirmaram que:

“Tem que ser uma coisa bem pensada, por que a modificação corporal é uma coisa que sofre muito preconceito. Eu sou uma pessoa que gosta muito de tatuagem eu quero até conseguir um emprego bom, por isso eu vou tatuar lugares que eu possa esconder. Se tu chegas numa entrevista de emprego com tatuagem no braço ou na mão tu já vais sofrer vários preconceitos. Então tem que ser uma coisa muito bem pensada” (Marcel).

“Ninguém vai procurar emprego de bermuda” (Jordani).

As falas mostram que mesmo esses sujeitos tendo sido interpelados pelo discurso das modificações corporais, eles buscam recursos para não terem problemas quando desejarem entrar no mercado de trabalho. “Na maior parte do tempo, o prazer em selecionar uma identidade estimulante é corrompido pelo medo” (BAUMAN, 2005, p. 45), é possível relacionar essa ideia abordada pelo autor ao fato de se desejar aderir às modificações corporais, porém, muitas vezes, esta adesão é permeado pelo medo. Nesse sentido, o receio de serem preteridos quando estiverem buscando emprego devido a terem aderido a essas

“identidades estimulantes”, foi resolvida pelos jovens, colocando as tatuagens em locais que podem ser escondidas.

Já as meninas adeptas aos piercings e aos dilatadores também justificam a escolha por essas modificações corporais, em função da empregabilidade. Elas argumentaram da seguinte maneira as suas decisões:

“Tipo assim, o piercing eu posso tirar. E se tirar não fica nem marca. Uma vez eu perdi e no outro dia já estava fechado, aí eu fui lá e furei de novo. Quando eu botei o piercing com 13 anos. Eu pedi para minha mãe, falei para ela: - eu coloco agora e quando fizer 18 anos eu tiro para procurar emprego, aí ela deixou” (Yasmin)

Além da empregabilidade, outra questão que se destacou durante as discussões é a da relação de poder com os pais, pois como todos os jovens possuem algum tipo de modificação corporal, eles precisaram, em determinado momento, negociar com os pais a realização do seu desejo. Os participantes narraram que quando aderiram aos piercings, às tatuagens e aos dilatadores, os pais tiveram uma função importante na decisão tomada por eles, ou seja, esteve presente, nesse momento, o julgamento, a aceitação e os jogos de poder³¹ e de resistência estabelecidos entre eles e os pais, possibilitando ou não a realização das práticas desejadas pelos alunos.

Eles enfocam que, na maioria das vezes, os pais não gostam das modificações corporais e, a partir disso, inicia-se um conflito de interesses entre esses sujeitos. Diante disso, são nas relações que o poder e, conseqüentemente, as resistências se manifestam. Assim, é preciso considerar que onde há “poder há resistência” e que todos os sujeitos são constantemente atravessados por relações de poder, em determinados momentos, uns se impõe mais do que os outros (FOUCAULT, 2008a). Nesta perspectiva, as relações de poder se dão na horizontal, ou seja, não é possuído por algum sujeito que está acima daquele que se posiciona “abaixo”, se estabelece entre os sujeitos em forma de rede. Portanto, poder e resistência fazem parte do mesmo processo, isto é, quando uma ação de poder se estabelece sempre haverá a possibilidade de resistir. Nas palavras do filósofo

a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder podemos sempre modificar sua

³¹ “Em si mesmo o poder não é violência nem consentimento o que, implicitamente, é renovável. Ele é uma estrutura de ações; ele induz, incita, seduz, facilita ou dificulta; ao extremo, ele constrange ou, entretanto, é sempre um modo de agir ou ser capaz de ações. Um conjunto de ações sobre outras ações” (FOUCAULT, 2008, p. 220).

dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa (Foucault, 2008a, p. 241).

A partir dessa concepção, podemos dizer que os meios de burlar as ações de poder estão diretamente ligada à resistência. Para isso acontecer, investe-se em determinadas “estratégias de enfrentamento³²”. Durante as discussões no Grupo Focal presenciamos, nas falas dos alunos, algumas estratégias de enfrentamento se manifestando, tanto por parte dos pais como por parte dos filhos, quando esses intencionaram aderir às práticas do *body modification*.

Ao analisarmos como as estratégias de enfrentamento dos alunos operaram no jogo de poder estabelecido com os pais, identificamos a configuração da resistência que, conforme Louro (2004, p. 81), “pode ser negada ou desviada”. Por exemplo, uma das maneiras encontradas por Jordani para fazer uma modificação corporal e contrapor a negação dos pais foi esconder a realização de uma tatuagem, como ele narra nesse trecho:

“Olha a minha primeira tatuagem eu fiz escondido da minha mãe, fiquei quase um mês escondendo. Um dia eu cheguei e mostrei. – O guri tu tá louco e agora tu não vai arrumar emprego” (Jordani).

Como Foucault (2008a) sustenta que os jogos de poder se caracterizam como “ações sobre ações”, o desejo dos jovens de realizar uma modificação corporal produz como efeito a resistência dos pais, que gera estratégias de enfrentamento nas relações entre os pais e os filhos: no primeiro, identificamos um jogo entre negociação e ameaça, e, no segundo fragmento, podemos notar um outro tipo de estratégia de enfrentamento, que teve como objetivo impedir ou prorrogar a adesão-às práticas.

“A minha mãe falou que a próxima tatuagem que eu fizer ela vai me bater de verdade. A primeira foi um trato, se eu passasse no CTI (IFRS) ela deixava eu fazer” (Marcel).

“Quando eu coloquei um transversal na orelha, cheguei em casa e o meu pai falou. – Se tu não tirar essa porcaria da orelha não vou te dar um celular novo. Pensei depois eu coloco outro” (Natalia).

Portanto, constata-se que os pais são personagens centrais nesta ação de realizar ou não as modificações corporais. Em alguns momentos, o julgamento dos pais é

³² São mecanismos utilizados nas relações de poder, sempre enfocando a “escolha de soluções ganhadoras” é o investimento em determinadas ações objetivando atingir o que se deseja (CASTRO, 2009, p. 152).

determinante, pois os participantes da pesquisa alegaram que são menores de idade e sem o aval dos responsáveis é quase impossível realizar uma modificação, pelo menos em locais credenciados. Nas relações de poder existentes entre esses sujeitos percebemos as relações de poder e de resistência em funcionamento, através de estratégias de enfrentamento e das negociações, tanto dos pais quanto dos alunos, sendo que esses, muitas vezes, demonstram-se “surpresos” ou inconformados, com a rejeição dos pais às práticas do *body modification*. Isto pode ser visto na fala de Natalia:

“Eu sei que minha mãe e meu pai odeiam piercing, tatuagem ou qualquer coisa. Eles acham horrível e tem muito horror, eles odeiam. Tatuagem por que depois vai ficar feio a pele fica suja. Não gostam de piercing por que fica marcado. Na real eu nunca entendi direito por que eles não deixam eu fazer piercing, e o que eu mais gosto é uma coisa que como a Yasmim falou tu tira e depois cicatriza. Mas não sei por que eles não gostam”(Natalia).

Mais um fato que emergiu no Grupo Focal é a questão do arrependimento de fazer uma modificação corporal. Esse sentimento se deve, especialmente, por que as práticas do *body modification* são irreversíveis. No caso específico dos participantes da pesquisa, o caráter de irreversibilidade foi associado somente às tatuagens, como se as outras práticas, relacionadas ao *body modification*, não deixassem marcas no corpo. Isso pode estar vinculado ao fato de que os piercings e dilatadores há a possibilidade de remoção, essa é uma das principais justificativa apontada pelas meninas que participaram do grupo, para não realizarem as tatuagens.

“A tatuagem eu não faria, por que tenho medo de me arrepender, e se não der certo? Se eu não gostar do desenho?” (Yasmin).

Pelo que foi analisado nas falas dos alunos, o arrependimento está vinculado a duas questões: a primeira, à pretensa volatilidade dos desejos e anseios dos jovens, pois para os participantes desta investigação as pessoas “mudam com o tempo”. Com relação a isso, identificamos que o fato de se arrepender está associado à modificação corporal em si, principalmente com relação à tatuagem, e ao desenho escolhido. Nesse sentido, Marcel afirma que:

“Uma pessoa de treze anos não deve fazer por que não tem cabeça, por que aquilo ali vai ficar na tua pele para sempre. Tu podes fazer uma coisa sem pensar e fazer uma

coisa idiota Por exemplo hoje eu gosto de Naruto³³, mas quando eu tiver 20 poucos anos posso achar esse desenho muito idiota, hoje eu faria uma tatuagem com o personagem desse desenho, o que provavelmente me arrependeria mais tarde” (Marcel).

Uma segunda questão produtora de arrependimento diz respeito aos efeitos gerados pela realização de uma modificação corporal. Neste aspecto, o argumento da empregabilidade é retomado, ou seja, os participantes da pesquisa pontuam que possuir modificações corporais, pode vir a comprometer o seu ingresso no mercado de trabalho. Como a preocupação deles é focada na tatuagem, eles apontam que uma forma de diminuir este efeito no seu ingresso no mercado de trabalho é ter muito cuidado na escolha do local onde realizá-la. Por isso, segundo eles, a tatuagem não pode ser feita em qualquer parte do corpo, já que não há a possibilidade de retirá-la, mas é possível escondê-la.

Sobre esse medo de ser recusado, em determinados lugares, por causa dos demarcadores identitários Bauman (2005, p. 46) a justifica pelo fato de “você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas e construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas”. Nesse sentido, podemos dizer que o mercado de trabalho vai demarcando a corporeidade do seu futuro trabalhador, ou seja, já apresenta de antemão a identidade social que o sujeito deve ter para poder fazer parte do quadro de funcionários que se deseja construir na sua empresa. E para os sujeitos que participaram dessa pesquisa, as modificações não são bem vistas em alguns espaços tidos como “formais” e eles aceitam isso como uma “verdade dada”. É o que afirma Marcel na seguinte fala.

“A tatuagem é uma coisa que precisa pensar muito antes de fazer para depois não se arrepender, principalmente, quando for procurar emprego, nesses lugares as pessoas têm muito preconceito com as modificações corporais” (Marcel).

Essa aceitação de determinadas situações é bastante comum em nossa sociedade, pois diariamente nos deparamos com questões que são tidas por nós com inquestionáveis, ou seja, são verdades impostas é que normalmente nem suspeitamos a sua veracidade. Nesse sentido Foucault, nos leva a questionar e pensar sobre essas verdades que são impostas como únicas e absolutas:

Essas formas prévias de continuidade, todas essas sínteses que não problematizamos e que deixamos valer de pleno direito, é preciso, pois, mantê-las em suspenso. Não se trata, é claro, de recusá-las

³³ Naruto é uma série japonesa, que foi transformada em desenho animado e, em 2007, começou a ser passada no canal aberto brasileiro, tornando-se uma mania entre crianças e jovens.

definitivamente, mas sacudir a quietude com a qual as aceitamos; mostrar que elas não se justificam por si mesma, que são sempre o efeito de uma construção cujas regras devem ser conhecidas e cujas justificativas devem ser controladas; definir em que condições e em vista de que análises, algumas são legítimas; indicar as que, de qualquer formas, não podem ser mais admitidas (FOUCAULT, 2002, p. 29).

Sobre as verdades é interessante recorrer as análises desse filósofo, pois encontramos subsídios que nos leva a pensar sobre a intencionalidade atribuída aos discursos, e que raramente os questionamos, apenas os aceitamos. Percebemos isso, nas falas dos alunos que participaram desta investigação, pois foram impostos a eles que as modificações corporais são sinônimo de discriminação e/ou preconceitos, e eles tomaram esse discurso como uma verdade absoluta, por isso, recorrem a determinadas estratégias quando resolvem aderir a uma identidade corporal que enfoca na modificação através das práticas do *body modification*.

Podemos dizer que um lugar marcado por disseminar determinadas verdades é a escola. Quando os jovens são questionados sobre como essa instituição vê os alunos, que aderiram as modificações corporais conhecidas como piercings, tatuagens e dilatadores, eles produziram os seguintes comentários:

“Na escola não é um espaço que tu sintas tanto, só se tu fizeres uma coisa muito bizarra. Acho que tu sentes mais num ambiente de trabalho” (Marcel).

“As professoras olham e falam que horror. Para os colegas é normal. Olhar constrangedor só do professor mesmo” (Yasmim).

Através das falas de Marcel e Yasmim percebemos que a escola não é um local que dê significado as práticas do *body modification*, mesmo com o interesse por parte dos seus alunos. Apenas com a exceção de alguns professores, mas que as vêem de maneira negativa, o que de certa maneira os alunos apontam não sentirem nenhum tipo de rejeição.

Dentro disso recorreremos novamente, a uma das principais funções dessa instituição que é a de investir nos alunos para se tornem sujeitos aptos a ingressarem no mercado de trabalho. Nas IFRS, essa característica é fortemente enfocada, pois as identidades dos alunos, desde seu ingresso na escola ou, até mesmo, antes do processo de seleção, já são direcionadas para se produzirem como futuros trabalhadores. Esse processo se dá através de determinadas verdades, com relação ao corpo ela é imposta apresentando um tipo de “perfil ideal”, ou seja, não é aconselhado que ele tenha modificações corporais, já que deve ser asséptico, pois se procura um trabalhador com “boa aparência e saudável”. Sendo assim o

sujeito necessita possuir um padrão, corporal, socialmente aceito, e essas concepções, de qual tipo de aparência é mais admissível pelo mercado de trabalho, atravessam os alunos, que buscam uma vaga nessa instituição.

Para finalizar a discussão, perguntamos se eles tinham interesse em produzir mais modificações corporais, somente a Yasmim disse que não gostaria de ampliar as intervenções em seu corpo e que estava satisfeita com os seis piercings que tinha. Os demais colocaram que sim, afirmando que:

“Eu só estou esperando fazer dezesseis anos, por que é a maior idade do piercing. Pelo menos os que eu quero colocar com essa idade já pode – nariz e lábio inferior” (Natalia).

“Eu já estou procurando a quarta, o que dificulta é a grana” (Jordani).

“Eu tenho vontade de tatuar tudo menos o rosto e as partes baixas. Mas por enquanto é só vontade, por que a minha mãe não deixaria mais” (Marcel).

Através dessas falas podemos perceber que mesmo com todas as preocupações apresentadas ao longo da discussão, os sujeitos da pesquisa ainda demonstram interesse em ampliar as modificações corporais. O que demarca que independente das futuras conseqüências eles foram interpelados pelo desejo de modificar seus corpos. E através delas eles estão constituindo suas identidades, seja no sentido de “ser diferente” ou ainda na busca pela identidade profissional, pois utilizam artifícios para burlar os prováveis preconceitos que eles enfrentariam ao ingressar no mercado de trabalho, e assim investe nas modificações corporais para constituírem seu jeito de ser.

V) Finalizando...

Realizando o Grupo Focal com jovens que aderiram às modificações corporais, percebemos que eles foram interpelados pelo discurso das práticas denominadas como populares do *body modification*, mais especificamente as tatuagens, os piercings e os dilatadores. Além disso, os sujeitos desta investigação rejeitam as práticas consideradas radicais, isso é interessante de apontar, pois ao mesmo tempo, em que eles criticam a sociedade que se manifesta contrária as práticas, as quais eles aderiram, esses alunos fazem o mesmo com as modificações que eles julgam fora do padrão, alegando que são “de mais”.

Os jovens que participaram do Grupo Focal vêm nas modificações corporais uma maneira de construir suas identidades e assim, relacionam às práticas do *body modification* a outras formas de ser um sujeito jovem, alegando ainda, que investe nelas com o intuito de “serem diferente”. Mesmo declarando que “todo mundo”, nos últimos tempos, estão fazendo uso dessas modificações corporais, esses sujeitos, ainda vêm nelas, mesmo que de forma temporária, uma maneira de se constituírem diferentemente de outras pessoas e, assim, se apropriam das práticas do *body modification* para demarcarem ou formarem suas identidades:

Mesmo diante do desejo e da realização das práticas corporais, duas inquietações estiveram bastante presente nas falas dos alunos que participaram. A primeira é com relação ao mercado de trabalho, pois eles acreditam que pessoas com modificações corporais sofrem discriminação quando buscam um emprego. Nesse sentido, eles têm medo de prejudicarem o seu futuro, por causa de atos realizados durante a juventude e, por isso, buscam fazer modificações corporais que possam ser revertidas e/ou que produzam poucos efeitos – como é o caso dos piercings – ou realizam as modificações, como a tatuagem, em locais em que possam ser escondidas. Fica bem demarcado que já há uma preocupação com a construção da identidade enquanto profissional. Isso pode estar atrelado, principalmente, por que a instituição em que realizamos a investigação, por ser uma escola pautada na Educação Tecnológica, e tem preocupação, principalmente, com a preparação para o mercado de trabalho.

Esse é um fato que é relevante de apontar, ou seja, que o Grupo Focal foi realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, e por isso, suspeitamos que algumas questões que se destacaram nas falas dos participantes, como a preocupação com a empregabilidade, está diretamente vinculadas ao fato de ser uma instituição que visa a formação profissional dos alunos, sendo que, possivelmente, esses sujeitos foram interpelados pelos discursos dessa escola e já estão produzindo suas identidades de serem futuros trabalhadores.

Outra questão que emergiu durante as discussões está relacionada ao fato do arrependimento, principalmente, vinculado às tatuagens. Os participantes dessa investigação enfatizam que se deve “pensar muito antes de realizar” essa prática

especificamente, já que depois “não se pode voltar atrás”, pois é uma ação ainda considerada irreversível. Além disso, associam esse sentimento ao fato de virem a “enjoar do desenho”, demarcando a instabilidade das decisões, característica atribuída ao jovem, ou ainda, alegaram que, no futuro, podem deixar de gostar do local escolhido para realizar a tatuagem e depois não se poderia voltar atrás e desfazer essa modificação.

Sobre as relações de poder e as estratégias estabelecidas entre pais e filhos constatamos que o poder não é algo imposto. Nesse momento ficou demarcado que as relações de poder, conforme Foucault (2008a), não são de dominação, já que através de artifícios ambos os sujeitos (pais e filhos) conseguiram, em determinados momentos, impor suas vontades e desejos, é isso que caracteriza as relações de poder, ou seja, constitui-se em um jogo de ações sobre ações.

Sendo assim, é possível pontuar que os jovens da pesquisa apresentam grande interesse sobre as práticas populares do *body modification*, isso demarca o culto ao corpo, momento marcado pela modernidade, pois somos “convidados” a intervir sobre a corporeidade. Os sujeitos demonstram que as modificações corporais podem ser um recurso utilizado para produzir determinadas identidades corporais e juvenis.

Por outro lado, nos deparamos com os julgamentos negativos atribuídos às práticas do *body modification*, sendo que os jovens apontam que esse julgamento não acontece necessariamente na escola e sim no mercado de trabalho. Percebemos isso quando questionamos sobre como, de maneira geral, a escola reage aos jovens que buscam se constituir através das modificações corporais, algumas de nossas suspeitas se confirmaram, pois mesmo os alunos aderindo as práticas *body modification* nessa instituição escolar essa temática não é problematizada. Mesmo não sendo discutidas nas instituições escolares, o ajuizamento destas práticas corporais estão presentes nesses espaços, no entanto, não inibe que os sujeitos realizem as modificações, eles apenas utilizam estratégias para escondê-las quando sentirem necessidade, como é o caso de ingressar no mercado de trabalho.

Por fim, destacamos que são nas relações de poder entre os desejos individuais e dos familiares, sustentados no argumento da empregabilidade que os sujeitos vão constituindo suas identidades enquanto jovens interessados em se tornarem, mesmo que momentaneamente, diferentes, sem deixar de se focar na produção suas identidades

profissionais. Partindo da concepção de que o indivíduo se constitui através da sua corporeidade, permanece a necessidade da discussão de que se “pode” e se “deve” intervir no corpo, mas sempre com a “preocupação” em estar dentro das conformidades admissíveis socialmente, pois para os participantes da pesquisa quando isso não acontece o seu futuro profissional e pessoal pode ser comprometido.

VI) REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. *Os Stakhanovistas do Narcisismo*. In: Sant’Anna, Denise. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro. Graal Ed, 2008a.

_____. *Vigiar e Punir*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2008b.

GATTI, Angelina. *Grupo Focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber livro, 2005.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Quem precisa da identidade?* SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo*. Antropologia e Sociedade. São Paulo: Papyrus. 2003.

LOURO, Guacira. *Um corpo estranho ensaios sobre sexualidade e a teoria queer*. Belo Horizonte: Ed Autêntica, 2004.

MALYSSES, Stéphane. *Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca*. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *O nu e o vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARGULIS, Mario. e URRESTI, Marcelo. *La construcción social de la condición de la juventud*. In: CUBIDES, H.J., TOSCANO, M. C. L., VALDERRAMA, C. E. H., (ed) *Viviendo a toda – Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Série Encuentros, Fundación Universidad Central, Santafé de Bogotá, Paidós, 1998.

PAIS, José Machado. *Busca de si: expressividades e identidades juvenis*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGÊNIO, Fernanda (Org.). *Culturas Jovens - novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PIRES, Beatriz. *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem*. São Paulo: Senac. 2005.

ORTEGA, Francisco. *Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGÊNIO, Fernanda (Org.). *Culturas Jovens - novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SILVA, Rosimeri e SOARES, Rosângela. *Juventude, escola e mídia*. In: FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana e LOURO, Guacira (org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Ed: vozes, 2003.

URBIM, G. & GRASSETTI, B. *Navalhas na Carne*. In: *Revista Superinteressante*. São Paulo: abr -mai, 2005, p. 68-71.

WOODWARD, Kathryn, *Identidade e diferença: uma introdução teórica e cultural*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Sítios virtuais:

<http://www.tatuando.com/piercing/pocket/>

<http://www.fotosdetatuagens.com.br/>

http://tattoosinacreditaveis.blogspot.com/2009_04_29_archive.html

<http://www.redhairtattoo.com/2009/05/suspensao-corporal.html>

<http://www.ifrs.edu.br/site/conteudo>.

5. FINALIZANDO, MAS NÃO CONCLUÍDO...

Com o intuito de finalizar a escrita dessa pesquisa, buscamos rever algumas problematizações que permearam as discussões realizadas durante os capítulos dessa dissertação. Para realizar as considerações finais precisamos fazer determinadas escolhas, pois investimos na análise das questões que “ao nosso olhar” se sobressaíram ao longo das discussões feitas nesse trabalho de mestrado, ou seja, alguns assuntos nos interpelaram mais que outros, por isso, foram destacados nesse momento.

Quando pensamos na demarcação das modificações corporais realizadas pelos jovens, acreditávamos que existiam dois posicionamentos a respeito delas, ou seja, a existência de sujeitos que as aceitavam e outros que recusavam determinadas intervenções sobre o corpo, mas com as discussões que surgiram no Grupo Focal essa definição não ficou tão simples assim. Tivemos a impressão de que as práticas associadas ao *body modification* são atravessadas por uma série de outras questões para justificarem a adesão ou não às modificações.

Pelo menos para os jovens que participaram desta pesquisa o fato de aderir às modificações corporais, principalmente as vinculadas aos piercings, tatuagens e dilatadores, vem associado aos discursos referentes à volatilidade dos desejos e necessidades dos jovens, ao papel dos pais e também à empregabilidade. Essa última teve um grande destaque em ambos os encontros e praticamente todos os alunos atribuíram uma possível rejeição a essas modificações corporais pelo mercado de trabalho. Inclusive, mesmo os alunos que não possuíam modificações corporais narraram que não haviam feito tais intervenções no corpo, principalmente, por causa do receio de serem preteridos quando buscassem um emprego.

A questão de inconstância dos jovens surgiu, principalmente, por que os sujeitos da pesquisa demarcaram que na juventude as pessoas estão passando por uma “transição/mudanças” de gosto, de desejos, de comportamento etc. Para eles, nada é fixo e, na juventude, as vontades são instáveis. Por isso, para os participantes desta pesquisa, os jovens não devem realizar as práticas do *body modification*, pois essas modificações são irreversíveis e os jovens, quando as realizam, poderão arrepender-se ao se tornarem mais “maduros”.

O papel dos pais na realização ou não das modificações corporais também teve destaque nas falas dos alunos, pois independente se eles ou não algumas das intervenções, a relação com os pais na decisão de fazer ou não uma modificação corporal foi evocada nos dois grupos de jovens. A partir destes jogos de poder, constatamos a produção de várias estratégias, tanto por parte dos pais como dos jovens, para o enfrentamento desta decisão relacionada à execução ou não das práticas do *body modification*.

No Grupo Focal com os alunos “não modificados” foi narrado que o principal investimento feito pelos pais para que os filhos não aderissem às modificações era a negação das práticas, ou seja, os pais elencavam inúmeros motivos “negativos” para não se fazer esse tipo de modificação corporal. Foi destacado que os pais não gostam que os filhos as façam, ou seja, não aceitam de maneira tranquila a intenção dos filhos de interferirem dessa maneira na corporeidade e, por isso, são produzidas estratégias de enfrentamento por parte de ambos os sujeitos.

Já com o grupo dos “modificados” surgiram estratégias e resistências diferentes nessa relação entre pais e filhos. Os participantes da investigação narraram que alguns pais aceitam determinadas práticas do *body modification* e não outras, como, por exemplo, “o piercing pode e a tatuagem não”, sob o argumento de que o primeiro pode ser retirado e, a segunda, é caracterizada como um procedimento definitivo e pode vir a prejudicar o futuro profissional do jovem. Os pais também investem na negociação e em acordos com os filhos. Os jovens, por não aceitarem as posições dos pais, investem em determinadas estratégias, como, por exemplo, fazer a modificação corporal escondido dos responsáveis ou ainda aderirem ao piercing, alegando a possibilidade de remoção.

Além do fato de não aderirem às modificações corporais, com receio de serem excluídos do mercado de trabalho, os jovens que as realizaram investiram em outro recurso, mas também pensando na empregabilidade. Para esses, a alternativa encontrada foi fazer as práticas do *body modification* em lugares específicos do corpo, com o intuito de poder esconder quando sentirem necessidade. Isso para os jovens será feito quando buscarem um emprego e, assim, presenciamos a formação das identidades desses sujeitos enquanto futuros trabalhadores.

A empregabilidade foi uma discussão bastante presente nos dois grupos, isso pode ter acontecido, pelo fato de realizarmos nossa investigação numa escola que investe na formação profissional. Ambos os grupos demonstraram uma preocupação com seu ingresso no mercado de trabalho e nas narrativas dos alunos, em diversos momentos, o fato de não aderir às modificações corporais se explica por esse motivo, já que para eles as práticas do *body modification* não são bem aceitos em diversos espaços sociais, isso reflete também no mercado de trabalho.

Demarcamos a escola como lócus de análise dessa pesquisa, pois suspeitávamos que as práticas do *body modification* escapava ao investimento disciplinar realizado por essas instituições, que buscam através da disciplina a formação de sujeitos úteis, dóceis (FOUCAULT, 2008b) e principalmente produtivos para a sociedade, investindo na padronização dos alunos. Nesse sentido, desconfiávamos que os jovens realizavam as modificações corporais com o intuito de romper, também, com a uniformização escolar, mas diante das discussões realizadas nos encontros, podemos perceber que as práticas do *body modification* escapam do modelo esperado por essas instituições, mas, diferentemente do que pensávamos, elas são produzidas tendo como referência a aparência e a preocupação com o mercado de trabalho e não pelo fato de constituírem suas identidades, a partir da diferença.

Com a realização do Grupo Focal tínhamos o objetivo de buscar saber através das discussões, entre os participantes, o que os jovens que haviam aderido ou não as práticas do *body modification* dizem sobre elas. Nesse sentido vários apontamentos surgiram durante os encontros, os quais visam problematizar o fato de aderir as modificações corporais, retomando o que para nós se destacaram e que já foram problematizados ao longo dessa dissertação, como por exemplo, o receio de arrepender-se ao realizar uma modificação corporal; as relações de poder entre pais e filhos; associação entre juventude a “imaturidade”; a produção das identidades; a preocupação em ser discriminado no mercado de trabalho etc.

Mas além desses que foram abordados nos grupos e que esteve, presente, nas análises dessa pesquisa, outros elementos emergiram e mereceriam também serem estudados. Nesse caso, durante a realização de um dos grupos, um movimento bastante

interessante surgiu: ao mesmo tempo em que os alunos apresentavam seu estranhamento sobre as pessoas que se manifestam contrárias às modificações corporais, esses sujeitos também produziram o mesmo discurso de rejeição com relação às práticas radicais do *body modification*. Dessa maneira, esses jovens se posicionaram da mesma forma com as demais modificações corporais, que, para eles, escapam do que acreditam ser “normal”.

Outra questão que mereceria ser aprofunda, mas por falta de tempo e de escolhas não podemos nos deter em nossas análises, se refere a um fato que aconteceu, antes mesmo de realizar a investigação que fundamentou a maioria das discussões dessa escrita, quando ficamos sabendo que em um projeto social, desenvolvido em Rio Grande, havia alunos que estavam aderindo as modificações corporais. A partir disso, resolvemos fazer uma inserção de maneira informal, para conhecermos esses sujeitos.

Esse é um projeto social denominado Segundo Tempo, uma iniciativa do governo federal que busca a execução de atividades esportivas para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade. Para participar é necessário estar matriculado e freqüentando numa escola regular. Ele é realizado em vários bairros da cidade, mas voltado, principalmente, para a periferia. Fomos informados que no bairro Cidade de Agueda, os alunos estavam sendo interpelados pelos discursos vinculados as modificações corporais e buscavam realizá-las improvisando instrumentos³⁴ para produzirem a sua própria tatuagem. Suspeitamos que isso se dá pelas dificuldades econômicas, já que para realizar uma modificação corporal, num local credenciado, há um custo bem elevado.

Além disso, no Grupo Focal realizado com os alunos que possuíam modificação corporais também surgiu formas não convencionais de realizar as práticas do *body modification*, pois uma das meninas que participou desse encontro narrou que o piercing que ela teve no lábio inferior havia sido colocado por ela mesmo. Independente dos motivos que levam os sujeitos a buscarem outras maneiras para aderir às modificações corporais, o interessante é que elas estão sendo utilizadas.

Dessa maneira, buscamos encerrar essa escrita indicando essas possíveis discussões no campo das modificações corporais, as quais permitem problematizar os discursos dos jovens que permeiam as práticas apontadas como radicais e, ainda, abordar sobre as outras

³⁴ A imagem do aparelho de tatuagem, produzidas pelos participantes do projeto, está disponível no anexo 3 dessa dissertação.

possíveis maneiras que os sujeitos utilizam para aderir as intervenções corporais, já que estão cada vez mais interpelados pelo desejo e/ou necessidade de obtê-las.

Portanto, conhecer e transitar pelo referencial teórico que compôs essa dissertação permitiu que produzíssemos “outros olhares” sobre os campos das modificações corporais, as juventudes e as constituições das identidades, fazendo-nos perceber os múltiplos discursos, os quais interpelam os sujeitos e os produzem enquanto indivíduos de uma determinada época, já que essas instâncias que constituem as pessoas não são únicas e nem fixa. Nesse sentido, elas estão sempre em movimento e depende muito do local e do momento em que estão inseridos.

6. REFERÊNCIA:

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Ed Guanabara, 1986.

BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. *Os Stakhanovistas do Narcismo*. In: Sant'Anna, Denise. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995,

COUTINHO, Fernanda. PORTINARI Denise. *A roupa faz o homem: a moda como questão*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGÊNIO, Fernanda (Org.). *Culturas Jovens - novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

COUTO, Edvaldo. *Uma estética para corpos mutantes*. In: COUTO, Edvaldo; GOELLNER, Silvana (org.). *Corpos Mutantes ensaio sobre novas (D)eficiências corporais*. E2007

EWALD, François. Foucault A Norma e o Direito. Trad: António Cascais. Lisboa: Veiga, 1993.

FISCHER, Rosa. Verdades em suspenso: *Foucault e os perigos a enfrentar*. In: Caminhos investigativos II outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A. 2002.

FOUCAULT, Michel. Os Anormais: collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, coleção tópicos, 2001.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro. Graal Ed, 2008a.

_____. *Vigiar e Punir*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2008b.

GATTI, Bernadete, Angelina. Grupo Focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Ed Líber Livro, 2005

GOELLNER, Silvana. *A produção Cultural dos corpos*. In: FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana e LOURO, Guacira. *Corpo, Gênero e Sexualidade um debate contemporâneo na educação*: Petrópolis, Ed vozes, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. *Apresentação*. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *O nu e o vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Quem precisa de Identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HERSEY, Paul.; BLANCHARD, Hambleton. *Psicologia para administradores: a teoria e as técnicas da liderança situacional*. Trad. Edwino A. Royer. São Paulo, Editora Pedagógica Ed: Universitária, 1986.

IERVOLINO, Solange. PELICIONI, Maria. Cecília. *A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde*. Rev. Esc. Enf. USP. São Paulo, v.35, n.2, p. 115-21, jun. 2001.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre experiências e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação. Nº 19, jan/fev/mar/abr, 2002.

LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo*. Antropologia e Sociedade. São Paulo: Papirus. 2003.

LOURO, Guacira. *Corpos que escapam*. In: Estudos Feministas. Brasília, nº 4 ago - dez, 2003.

_____. *Um corpo estranho ensaios sobre sexualidade e a teoria queer*. Belo Horizonte: Ed Autêntica, 2004.

MALYSSES, Stéphane. *Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca*. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *O nu e o vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARGULIS, Mario. e URRESTI, Marcelo. *La construcción social de la condición de la juventud*. In: CUBIDES, H.J., TOSCANO, M. C. L., VALDERRAMA, C. E. H., (ed) *Viviendo a toda – Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Série Encuentros, Fundación Universidad Central, Santafé de Bogotá, Paidós, 1998.

MINAYO, Maria de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucidec, 2006.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa e MACEDO, Elizabeth Fernandes (orgs.). *Currículo, identidade e diferença*. Porto: 2002.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferença e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGÊNIO, Fernanda (Org.). *Culturas Jovens - novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGÊNIO, Fernanda (Org.). *Culturas Jovens - novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise Social*, 105/106, 139-165. Lisboa/ Pt: 1990.

_____. *Busca de si: expressividades e identidades juvenis*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGÊNIO, Fernanda (Org.). *Culturas Jovens - novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PIRES, Beatriz. *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem*. São Paulo: Senac. 2005.

QUADRADO, Raquel. A adolescência como construção sociocultural e histórica. In: RIBEIRO, Paula e QUADRADO, Raquel (org). *Corpo, gênero e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar*. 2.ed: Rio Grande: FURG, 2008.

SANTIN, Silvino. *Educação Física: temas pedagógicos*. Porto Alegre: EST/ESEF, 1992.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi. Um preto mais clarinho... ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos. In: *Educação e Realidade*, v.22, jul/dez, 1997.

SIBILIA, Paula. O corpo modelado como imagem: o sacrifício da carne pela pureza digital. In: RIBEIRO, Paula (org). *Corpo, gênero e sexualidade: composição e desafios para a formação docente*. Rio Grande: FURG, 2009.

SILVA, Rosimeri e SOARES, Rosângela. *Juventude, Escola e Mídia*. In: FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana e LOURO, Guacira. *Corpo, Gênero e Sexualidade um debate contemporâneo na educação*: Petrópolis, Ed vozes, 2003.

_____. *Quem precisa da identidade?* SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000

URBIM, G. & GRASSETTI, B. Navalhas na Carne. In: *Revista Superinteressante*. São Paulo: abr -mai, 2005, p. 68-71.

VARELA, Francisco. et al. *Embodied mind: cognitive science and human experience*. London: MIT, 1996.

WOODWARD, Kathryn, Identidade e diferença: uma introdução teórica e cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Sítios virtuais:

<http://biahruiva.blogspot.com>

<http://blogspot.com/.../body-modification-extremo-post.html>

<http://body-mods.blogspot.com/>

http://izismile.com/2009/04/22/body_modification_25_photos.html

http://ralsj.com/wp-content/uploads/2009/12/a389_suspension.jpg

http://tattoosinacreditaveis.blogspot.com/2009_04_29_archive.html

<http://www.fakir.org/classes/basicbranding.html>

<http://www.fotosdetatuagens.com.br/>

<http://www.hahakiri.com>

<http://www.ifrs.edu.br>

<http://www.mulherbeleza.com.br>

<http://www.redhairtattoo.com/2009/05/suspensao-corporal.html>

<http://www.riogrande.ifrs.edu.br>

<http://www.tatuando.com/piercing/pocket/>



7. ANEXOS

7. 1 ANEXO 1 – Roteiro do Grupo focal

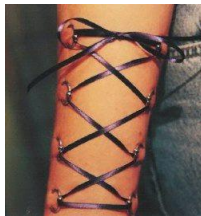
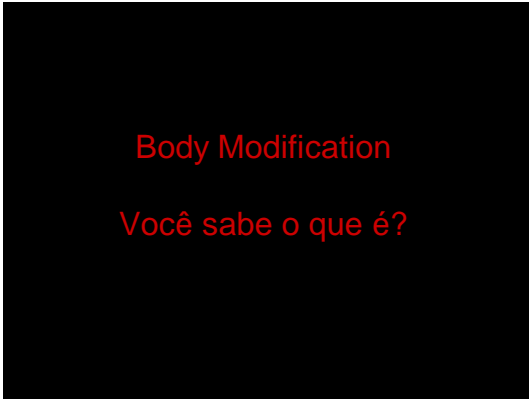
Apresentação

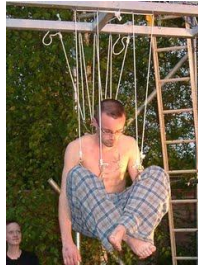
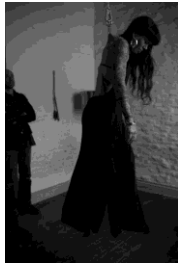
- Explicar o objetivo do grupo, da gravação, do total sigilo das imagens e dos nomes;
- Enfatizar que a dinâmica do grupo não é entrevista, pois a discussão deverá ocorrer entre os membros do grupo;
- Apresentação individual de todos os participantes;
- Apresentação das imagens;
- Abertura para discussão – perguntas e debates;

Começando a conversa

- Comentário geral sobre o que acha das modificações corporais;
- Por que realizar as modificações corporais?
- Quando realizar as MC?
- MC – identidade, personalidade ou moda?
- Como o MC é visto pela escola (se é)?
- Efeitos produzidos: na família, nos amigos...

7.2 ANEXO 2 – Apresentação no Grupo focal





7.3 ANEXO 3 – Imagens máquina de tatuagem

FIGURAS 10:



Máquina confeccionada pelo jovem para poder fazer tatuagem. Material utilizado: bateria de carrinho de brinquedo, caneta, colher, agulha e cabo de carregado de bateria de celular



Fotos retiradas pela pesquisadora, no primeiro semestre de 2008, no Projeto Segundo Tempo

7.4 ANEXO 3 – Termo de Consentimento



Universidade Federal do Rio Grande
Instituto de Educação
PPG Educação em Ciências
Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola



TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA SOBRE AS MODIFICAÇÕES CORPORAIS REALIZADAS PELOS ADOLESCENTES

Objetivos da pesquisa: Investigar os discursos de adolescentes referentes às questões corporais, mais especificamente as modificações corporais.

Informações gerais sobre a pesquisa:

- ✚ Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa sobre Adolescência e as Modificações Corporais. Esse momento se dará a partir da formação de um grupo de discussões e atividades. Essa atividade será desenvolvida em um encontro, que acontecerá nos dias **12, 28 de abril e 03 de maio de 2010**, no período da aula de Educação Física, com a liberação dos professores da turma.
- ✚ Para melhor compreensão das informações, estes encontros serão filmados e gravados e as produções (textos, falas...) fotocopiadas, porém, seu verdadeiro nome não será escrito ou publicado em nenhum local, bem como as fotografias serão formatadas de forma a não identificar o rosto de ninguém. Toda informação será guardada com número de identificação.
- ✚ A sua participação neste encontro é totalmente **confidencial e voluntária**. Ninguém além das pesquisadoras terá acesso ao que você disser durante o grupo de trabalho.
- ✚ Esse encontro faz parte da Pesquisa de Mestrado de Alessandra Amaral da Silveira, do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: química da vida e saúde, da FURG.
- ✚ Caso você deseje obter alguma informação relacionada ao projeto, contate a coordenadora Méri Rosane Santos da Silva ou a pesquisadora Alessandra Amaral da Silveira, através do telefone 81252176.
- ✚ Sua participação é voluntária e você pode recusar-se a participar desse trabalho, porém saliento que sua participação nessa etapa do trabalho, é muito importante.

VERIFICAÇÃO DO CONSENTIMENTO

Declaro que li o termo de consentimento acima e aceito participar da pesquisa.

Assinatura do/a participante

Declaro que li o termo de consentimento acima e autorizo o/a aluno/a _____, pelo/a qual sou responsável, a participar da pesquisa.

Assinatura do/a responsável

pesquisadora

Assinatura da

Data: ____/____/____